

"Nada há mais prejudicial para a ciência de um povo do que o seu isolamento no meio da ciência dos outros povos."

Gomes Teixeira, no Elogio Histórico de Daniel Augusto da Silva, lido na Academia das Ciências de Lisboa em 2 de junho de 1918

TRANSIÇÃO

Eu trabalho nisto há mais de 25 anos e tenho percebido, nas novas gerações, também o gosto e o interesse pela História da Matemática no Brasil. Como você sabe, por meio dos meus escritos, minha preocupação é com a História da Matemática Superior no Brasil. Mas espero que colegas também façam algo sobre a História da Matemática Elementar no Brasil, o que é necessário... Então eu acho que devemos começar pelo geral, pelo Brasil. Estou vendo aqui, no material que você trouxe, a palavra ‘BRASIL’; vamos começar por ela.

Sobre o Brasil, há necessidade de se recuperar e divulgar a História da Matemática, que é recente, porém nós sabemos que as coisas foram sendo construídas a partir do século XIX. Eu já retratei isto em um dos meus livros.

A história iniciou-se em 1808, com a chegada da família real portuguesa aqui. Porém, mais recente, final do século XIX, início do século XX, a meu ver é o que deve ser mais trabalhado. Principalmente a primeira metade do século, que foi uma fase de construção, de preocupação dos homens de ciência da época, para se construir aqui uma base sólida para o desenvolvimento e consolidação da pesquisa matemática no Brasil. Portanto, as coisas que acontecem atualmente não surgiram como “geração espontânea”. Nós teríamos que voltar um pouco ao século XIX, com Joaquim Gomes de Souza, depois com Otto de Alencar e Silva, Manuel Amoroso Costa e alguns de seus discípulos, que eu destacaria dois, o Lélcio Gama no Rio de Janeiro e o Theodoro Ramos em São Paulo. Sendo que desses dois o mais brilhante, a meu ver, foi Theodoro Ramos. Então há todo um preparo; claro que naquela época não havia preocupação nem estímulo para a pesquisa científica continuada. Percebemos claramente que não havia ainda a preocupação em formar discípulos. Em Matemática, isso só veio acontecer depois da década de 1930.

Retornando um pouco, na primeira década do século XX, com a criação da Academia Brasileira de Ciências, congregando as pessoas mais qualificadas da época, do eixo Rio - São Paulo, e depois alguém já mais afastado, como Luis Freire em Pernambuco, as coisas surgem a partir daí, com a criação de boas publicações científicas. A Academia Brasileira de Ciências já tinha essa preocupação em fazer, para que seus associados pudessem divulgar as suas pesquisas, que não eram pesquisas continuadas, mas eram pesquisas sérias também.

No que se refere à Matemática, nós teríamos que destacar, após a década de 1930, especificamente a partir de 1934. Destacaria como marco dessa época, a criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP e nesse contexto é que incluímos o Theodoro Ramos,

porque ele foi convidado pelo Júlio de Mesquita Filho para assessorá-lo. Não sei qual era a ligação entre o Theodoro Ramos e Júlio de Mesquita Filho, mas eles eram amigos; ele foi inclusive convidado para ser professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e não aceitou. Ele disse que “não se sentia preparado para ser professor de uma Universidade”. Veja se isso aconteceria nos tempos atuais. Jamais! Ele dizia que precisava se preparar para ser um professor de uma universidade. Ele era professor da Escola Politécnica de São Paulo, não de uma universidade. Então ele foi, em função dessa recusa, designado, e aceitou ser o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, que, aliás, ficou poucos anos, pois ele tinha muitas atividades. Foi também designado pelo governo paulista para ir à Europa contratar docentes qualificados. Então aí percebemos a filosofia desse grupo, de trazer para o Brasil pessoas qualificadas para serem professores das várias áreas da Faculdade de Filosofia, inclusive da Matemática.

Dessa forma, que eu não vou entrar em detalhes, coube a parte da Matemática à Itália. Havia um núcleo muito forte de descendentes de italianos na USP, eles queriam outras áreas, mas foi decidido pela comissão que seria a Matemática. Então ele (Theodoro Ramos) foi à Itália e lá contratou o professor Fantappiè, indicado como um excelente matemático. Ele era algo que nós dois poderíamos classificar como algo de vanguarda para a época, ele trabalhava em Análise e tinha feito coisas muito boas; tinha sido aluno do Volterra; e aceitou de imediato o contrato de trabalho trazido da USP. Ele chegou em meados de 1934. Ao chegar à USP, o professor Fantappiè se deu conta do estado de coisas aqui no Brasil, o atraso... Ele se preocupou muito também com o ensino da Geometria, e não havia aqui nenhuma pessoa qualificada para essa atividade. Então ele sugeriu a contratação do Giacomino Albanese, que chegou em 1936. O professor Albanese, na época, já fazia parte da escola italiana de Geometria, escola muito boa em geometria projetiva, principalmente. Assim, essas duas pessoas iniciaram o que eu chamo de um movimento da Matemática de vanguarda no Brasil, estimulando jovens valores, jovens docentes para estudar de modo sério a Matemática.

Quando o professor Fantappiè chegou à USP, o próprio Theodoro Ramos indicou, para ser um de seus assistentes, um aluno brilhante que tinha sido seu aluno na Escola Politécnica, havia feito curso de Engenharia, o Omar Catunda. Ele foi designado, e aceitou, para trabalhar com o professor Fantappiè. Começou a trabalhar e passou a se interessar por Análise Matemática. Ele assistia às aulas do professor Fantappiè, fazia as anotações. Ficou encarregado também de dar alguns cursos, fazer exercícios e, principalmente, de escrever as anotações de aulas, porque não havia livros! E o professor Fantappiè também estava muito preocupado, pois não havia uma biblioteca de Matemática. Veja que barbaridade, havia uma Escola Politécnica, mas não havia biblioteca... Então Fantappiè dedicou-se à tarefa de

construir uma biblioteca. E o Omar Catunda foi um elemento essencial no trabalho para a construção da biblioteca de Matemática da USP. Foi aí o início! O professor Fantappié obteve dinheiro do Governo Paulista, e, principalmente do Governo Italiano, conseguiu muitas publicações, assinaturas de revistas da Itália, dos Estados Unidos, que são as origens da biblioteca do IME¹⁰ da USP.

Dessa forma, o Omar Catunda passou a se interessar por Análise, porque era a especialidade do professor Fantappié, principalmente Análise Funcional. E o professor Fantappié, talvez preocupado com seu assistente, foi o primeiro matemático trabalhando no Brasil a se interessar por bolsa de estudos. Sendo assim, fez contato com o Governo Italiano, conseguindo uma bolsa para Omar Catunda na Itália. Dessa forma, ele foi o primeiro brasileiro a sair para fazer curso de pós-graduação na Itália com bolsa do Governo Italiano.

Devemos também falar de Cândido Lima da Silva Dias, que foi outro brilhante matemático dessa época, e também aluno da Escola Politécnica de São Paulo. Ele desistiu do curso de Engenharia – logo que foi aberto o curso de Matemática da Filosofia – e passou para o curso de Matemática. Naquela época, tinha que fazer um exame, não transferia simplesmente. Deveria fazer um exame para ver se entrava, mesmo sendo aluno da Escola de Engenharia. Ele foi também contratado como assistente do professor Fantappié. Foi designado como assistente de segunda categoria. Não que fosse inferior a Omar Catunda, mas porque foi o segundo. E começou a trabalhar também em Análise, por influência do professor Fantappié, durante muitos anos. Depois de algum tempo ele mudou de área e passou a trabalhar em Equações Diferenciais. Fez sua tese de doutorado na USP nessa área. O professor Catunda também fez seu doutorado na USP, apesar do Governo Federal não ter ainda institucionalizado a pós-graduação *stricto sensu*. Mas a USP, na vanguarda das coisas - não é porque eu sou um “ex-uspiano” (risos...) - de fato é a maior universidade do país. E em 1942 já havia!, o Governo Paulista já havia instituído o grau de doutor através de concurso, quer dizer, já havia doutor, via provimento de cátedra, quando se fazia concurso para cátedra, pois a lei de 1911 permitia isto. Porém em 1942 foi instituída na USP a concessão do grau de doutor, em várias áreas, e para Matemática ficou Doutor em Ciências. Bem, esse pessoal fez esse doutorado na época. Deveria fazer um trabalho durante dois anos, ficando trabalhando sob a orientação de um determinado professor, e depois havia um concurso de fato: marcava-se a data e a pessoa ia defender sua tese.

Assim formou-se uma base de Matemática na USP e a “comunidade matemática” da época foi liderada por Cândido Lima da Silva Dias, o qual tinha uma preocupação muito

¹⁰ Instituto de Matemática e Estatística.

grande para a criação de um Instituto de Pesquisa em Matemática no Brasil, que não existia. No entanto, esse fato também tem a ver com uma outra briga, que houve na Universidade do Brasil; foi um concurso que não saiu para a cátedra, para o qual Leopoldo Nachbin era um dos candidatos e José Abdelhay era outro candidato.

O professor Cândido, preocupado com a criação de um Instituto de Pesquisa em Matemática e o problema do concurso, fez um relatório muito importante, que aliás não tive acesso, em que ele descreve a situação da Matemática no Brasil. Isso foi no início da década de 1950. Para ele, havia a necessidade de se construir algo mais forte, algo que balizasse a formação do matemático no Brasil, e principalmente de um Instituto de Pesquisa, ligado ao CNPq, que já existia. A influência do professor Candido foi muito forte na base da consolidação da pesquisa matemática no Brasil.

Depois a história você já conhece, não é? Do IMPA. Vamos passar para um outro assunto, o que você quer agora? Podemos passar para o Paraná.

Vamos passar para o Paraná especificamente.

No Paraná, a coisa é dramática, porque quando foi criada aqui a primeira universidade, em 1912, os proprietários (era uma instituição particular) não tinham a preocupação e nem conhecimento adequado para se preocuparem com a pesquisa científica. Eles se preocuparam com a criação de cursos que fornecessem apenas o diploma. Eram cursos profissionalizantes, que forneciam o diploma para que o cidadão pudesse trabalhar e exercer aquela profissão. Não havia a preocupação com a pesquisa básica ligada ao ensino. A meu ver, aí está o erro! Jamais pensaram na contratação de bons professores! Jamais se preocuparam na formação de uma boa biblioteca para a instituição! Apenas criaram cursos tipo Engenharia. Hoje, o que nós chamamos de Direito na época recebia outro nome. Não havia ainda o curso de Medicina, que é de uma época posterior. Então eles criaram esses cursos. O curso que tinha um pouco de Matemática elementar era o de Engenharia Civil. Cálculo e Geometria Analítica podemos considerar que eram ainda muito mal planejados. O que eu chamo um Cálculo arcaico, aquelas coisas antigas, usando infinitésimo, etc. Isso foi em 1912, então esse pessoal não tinha conhecimento das orientações.

Observe que já tinha, em 1908, ocorrido uma reforma na Universidade de Berlim, a qual já havia dito as normas para se fazer a pesquisa pela pesquisa; e transmitia esse conhecimento para a sociedade. É lamentável que em Curitiba não tivesse ocorrido isso. Então ficamos com essa parte, da Engenharia Civil, durante muitos anos.

Depois, em 1915, a universidade foi extinta, por determinação do Governo Federal. Foram criadas faculdades isoladas. Só em 1º de abril de 1946 é que foi criada uma outra universidade, e que colocaram o mesmo nome. Poderia ser um outro nome, mas colocaram o

mesmo para dar idéia de continuidade. Esse é o problema: houve aí mais de 20 anos de intervalo de uma universidade para outra.

Antes disso, já havia a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná, que era uma instituição particular dos Irmãos Maristas; e em 1939 eles resolveram abrir um curso de Matemática; que, na época, recebia outro nome, parece que era Ciência e Matemática. O primeiro vestibular foi feito em 1940. Foram aprovados 9 alunos, e é fácil encontrar toda essa documentação, atas etc. Eu tenho todas dessa época aí. Mas era um curso, veja, com disciplinas criadas de modo aleatório, com o modelo da escola italiana, cujos professores responsáveis eram da escola de engenharia. Assim, a cátedra foi dada para esse pessoal! Professores da Engenharia davam aulas, de Física, por exemplo; mas Matemática não sabiam... Mesmo assim, ficaram com o ensino da Matemática. Eu diria assim: “O Ensino Superior da Matemática Elementar”. Os livros dessa época, eu não encontrei indicação alguma, eu desconfio que eram livros daquelas coleções do tipo da FTD ¹¹. Desconfio! E não há muito o que buscar nisto, porque não há indicação dessas coisas nas atas, não há, infelizmente!

Aí surgiu algo interessante ainda nessa faculdade, em função da Segunda Guerra Mundial. Saiu da Polônia, fugindo em um navio, um matemático muito bom, o professor Lepecki. Ele veio para Curitiba. Eu procurei a origem, o porquê, quem o convidou, mas nunca encontrei isso. Eu desconfio que fosse em função da colônia polonesa aqui no Paraná, que é muito grande.

Então ele veio para cá, e como ele era doutor em Matemática foi convidado para dar aula nessa Faculdade. Assim, ele foi dar aula de Análise e de Geometria Analítica. Nessa época, quem ministrava aula de Análise era o José Bittencourt de Paula, que era engenheiro e não sabia nada de Análise. E o Lepecki ficou aqui, infelizmente, poucos anos, de 1940 a 1943, aproximadamente. Eles não se interessaram em manter essa pessoa qualificada aqui, e ele se transferiu para Belo Horizonte. Então o Paraná perdeu!

Aliás, a primeira publicação de um artigo de pesquisa aqui é exatamente desse professor, no anuário dessa faculdade; no qual ele fez um resumo de sua tese de doutorado e publicou; eu tenho esse trabalho.

Posteriormente com a mobilização para se criar uma nova universidade; as leis do país já exigiam que a nova universidade tivesse que ter uma escola de ciências, que depois foi chamada de Faculdade de Filosofia Ciências e Letras; que seria uma instituição articuladora de toda a universidade, o que jamais aconteceu no Brasil! Ela iria dar a parte básica para toda

¹¹ Editora FTD S. A.

a universidade e cada faculdade ficaria com as suas especializações. Isso jamais aconteceu! A partir daí, na década de 1940, em 1946, mais especificamente, foi criada a nova universidade, que hoje se chama Universidade Federal do Paraná, e foi criado o curso de Matemática, que era um curso inicialmente de Bacharelado, depois fizeram Licenciatura. Mas era um curso com uma grade curricular bem antiga, algo primitiva, imitando coisas de engenharia, e imitando muito a escola italiana.

Na década de 1950, veio para Curitiba, por problemas políticos, o matemático português João Rémy Teixeira Freire. Conversando recentemente com o professor Jayme Machado Cardoso, este me informou que quem o trouxe foi o professor José Loureiro, que era professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Eu não me lembro de qual curso ele era, não sei se de História, Geografia, algum desses cursos. O professor Rémy era conhecido dele, tanto é que o trouxe para cá. O Rémy Teixeira Freire, que já era doutor, trabalhava mais na parte de Estatística; chegou aqui e dinamizou muito o ambiente acadêmico em Curitiba, principalmente na parte de Matemática. Ele veio contratado para dar aula de Estatística no curso de Ciências Sociais, mas no ano seguinte ele foi designado para dar aula de Análise no curso de Matemática. Aí é que ele passou a ter contato com os alunos da Matemática. Em especial, com o Newton Carneiro Affonso da Costa e com o Jayme Machado Cardoso, que eram alunos do curso de Matemática, sendo formados em Engenharia, mas faziam o curso de Matemática.

Assim, o Rémy Freire passou a criar algo novo aqui, que foram os Seminários de Formação, ou seja, escolhiam-se determinados tópicos para que os alunos mais talentosos passassem a estudar com ele. Não havia bolsa, não havia nada! Havia apenas o interesse daqueles melhores alunos. Passou também a fazer algo novo, que foram chamados de Cursos de Extensão, na época, de Cursos de Verão. Nada disso existia aqui. Ele dinamizou o ambiente acadêmico de Curitiba. Isso foi na década de 1950. E também teve a idéia de criar a Sociedade Paranaense de Matemática, mais especificamente em 31 de outubro de 1953. Isso porque o Rémy Freire havia sido um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Matemática. Aqui ele criou a Sociedade e sua diretoria era composta de professores da Universidade do Paraná. O professor Jayme Cardoso foi um dos participantes da primeira diretoria, o Newton Costa, o Kremer, a Zélia, e outros, inclusive o Rémy Freire. E essa Sociedade passou então a atuar também na formação de professores do Ensino Médio, a dar cursos de extensão, cursos de verão. Era novidade tudo isso! Passou a organizar palestras, a se interessar pela formação de uma biblioteca de Matemática que não havia. Foi criado aqui então o Instituto de Matemática, por influência da Sociedade. E nesse Instituto uma das preocupações foi a criação de uma boa biblioteca de Matemática.

Nessa época, existia também a Sociedade Brasileira de Ciências, e uma das primeiras reuniões anuais dessa Sociedade ocorreu aqui em Curitiba. Não lembro o ano, acho que por volta de 1954.

Os matemáticos brasileiros do eixo Rio - São Paulo faziam parte das reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Ciências. Então nesta, eles vieram para Curitiba fazer palestras e apresentar trabalhos. Vários matemáticos de São Paulo, da USP, como o Cândido, Castrucci, e parece que o Jacy Monteiro vieram, enfim, a Diretoria da Sociedade aproveitou a presença desse pessoal qualificado e os convidou para dar cursos na Sociedade. Eram cursos para a comunidade interessada: alunos, professores universitários e professores da rede estadual e das escolas particulares, do Ensino Médio. Havia certa preocupação pela qualificação do pessoal na época. Dessa forma, a Sociedade exercia uma grande influência neste sentido. E foi o próprio Curso de Licenciatura da Universidade do Paraná que também sofreu influências fortes da Sociedade. Na minha época de aluno, o Jayme Machado Cardoso, que era professor da Engenharia, era também professor do Curso de Matemática. O Newton Costa dava cursos bons para nós, cursos atuais! Por exemplo, o curso de Cálculo era um curso de Análise. O Jayme dava aula para nós de Geometria e principalmente cursos de Álgebra, o que se chama atualmente Álgebra Abstrata ou Álgebra Moderna, e eram utilizados livros atuais. Como não havia literatura em língua portuguesa, usávamos livros em língua inglesa ou francesa, e outros que já existiam aqui na Biblioteca do Instituto de Matemática. Assim, percebemos que a Sociedade exerceu certa influência para a melhoria da qualidade da grade curricular do Curso de Matemática.

Havia também livros em outras línguas, por exemplo, em russo, e quem os traduzia para nós era o Jayme Machado Cardoso, ele tinha esse interesse. E era bom porque a Rússia praticamente mandava de graça; aliás, na época era União Soviética; e mandava esses livros de graça, faziam permutas com as publicações da Sociedade. Então a Sociedade serviu também para esse propósito. As permutas de revistas e também livros que eles mandavam gratuitamente. Eu me lembro desses livros...

Eu não conseguia ler, eu olhava para o Jayme e ele ia traduzindo as coisas pra mim. É claro que a parte de Matemática a gente percebe, porém as explicações ele traduzia. E, de fato, era uma biblioteca à altura. Essas traduções eram feitas oralmente, não houve publicação disso. Uma tradução mais de professor-aluno. Eu anotava alguma coisa, porque nós tínhamos também o Centro de Estudos de Matemática, do qual eu fui presidente, e cheguei a publicar algo, mas essas coisas foram destruídas. Depois se perderam, não sei... Porque depois essas coisas foram para o Centro Politécnico, e os alunos lá, apesar da minha insistência, não preservaram as coisas. Nós fizemos apostilas, pois o pessoal tinha dificuldade de ler em

língua estrangeira; o Jayme e o Newton escreviam e a gente publicava na forma de apostilas. Eu não sei se o atual Diretório Acadêmico do Curso de Matemática mantém esse material. Eu criei inclusive uma biblioteca lá, no antigo Centro de Estudos de Matemática, pois nós tínhamos uma sala na Faculdade de Filosofia, aqui na Rua General Carneiro e depois, quando fomos transferidos para o Centro Politécnico, todo o material foi levado para lá, em uma sala própria, que depois passou a se denominar Centro Acadêmico de Matemática. Bem, onde é que nós estávamos?

Ah sim! Nos livros! E principalmente nas revistas, aí é que era interessante, porque nós, os alunos dessa época, os alunos interessados – porque havia alunos que não possuíam interesse algum – passamos a ler as revistas, a ler os artigos publicados nas revistas. Uma novidade! E tudo isso a Sociedade conseguia com a permuta dos Boletins e com o próprio Anuário da Sociedade.

Dessa forma, isso passou a fazer parte da formação dos alunos, dos mais interessados ou dos mais talentosos, digamos assim. E esses alunos eram convidados, principalmente pelo Jayme e pelo Newton, para fazer parte dos grupos de pesquisa desses professores, e eu fiz parte. No grupo, eu me identifiquei mais com a parte de Álgebra, e me associei ao Jayme. O Newton me convidou para estudar Lógica, que ele trabalhava, mas eu não gostava muito dessa parte, não apreciava. E passei a estudar com o Jayme.

Nós trabalhávamos em Quase Grupos, que é uma das Estruturas Algébricas. Publicamos muita coisa, inclusive minha dissertação de mestrado é nessa área. Eu resolvi um problema que estava em aberto, proposto pelo José Morgado, um matemático português, cuja história você deve conhecer. Ele estava em Recife, e trabalhava nisso também, e então desenvolvi meu trabalho exatamente por indicação do Jayme: “faça nessa área aqui” e eu propus para o Wanderley, meu orientador, que aceitou, e desenvolvi minha dissertação, que foi um trabalho original. (em geral uma dissertação não é um trabalho original, principalmente em Matemática como você sabe). E o meu foi, porque eu resolvi o problema que estava em aberto. E depois é claro, por sugestão também do Jayme, eu passei a me dedicar à História da Matemática e tenho me dividido entre essas duas partes: Quase Grupos e a História da Matemática no Brasil.

Então voltando à SPM, ela dinamizou, de fato, as atividades acadêmicas, em particular a própria grade do Curso de Matemática, isso a partir de 1950.

Ainda na década de 1950, o grande problema foi depois que o Remy Freire foi embora, em 1959. Ele conseguiu uma posição em um órgão da ONU no Chile e se transferiu para lá. Os discípulos dele, o Jayme, o Newton, o Kremer, ficaram aqui dando continuidade, até certo ponto.

O Remy Freire viu que aqui (isso são deduções minhas, o Jayme não disse nada disso) não havia, digamos assim, grande futuro para ele, como estrangeiro. Principalmente na parte de Estatística que ele trabalhava; e esse era um Órgão da Cepal, da ONU lá no Chile, que lidava com parte de estatística e probabilidade; ele viu essa grande oportunidade e foi para lá.

Posteriormente ele voltou para Portugal.

Estando lá, fiz contato com ele. Nos arquivos da SPM deve ter uma carta dele que recebi. Ele dizia estar gostando muito desse contato que eu fiz, e sabendo que aquela iniciativa dele continuava em Curitiba, que eu estava, digamos, tocando aquela iniciativa e até se prontificou, em uma eventual possibilidade poderia vir aqui fazer uma palestra. Mas nunca houve essa possibilidade e infelizmente ele já faleceu, em Portugal.

Então o papel, voltando à SPM, foi importante aqui, principalmente nessa fase, na década de 1950 a 1960. Estranhamente, eu sempre cobrava muito do Jayme (era sempre amigo dele, tinha boa afetividade com ele) o porquê do ambiente matemático não ter florescido como havia se planejado para florescer. Por que o Newton foi para São Paulo, depois o próprio Jayme saiu, foi para São Paulo, esteve na Unicamp, no ITA. Por quê? O que houve? Aí, a conclusão que nós chegamos é a falta de interesse das administrações. Da universidade e, particularmente do Departamento de Matemática, que quando houve a reforma universitária, na década de 1960, início da década de 1970, eu já era Auxiliar de Ensino da Faculdade de Filosofia. Não havia Departamento, era o Curso de Matemática, e fomos transferidos para o Centro Politécnico, e lá foi criado um outro Instituto de Matemática, e nós fomos agregados àquele Instituto. Todos aqueles que davam aula de Matemática, qualquer coisa de Matemática na universidade, em vários cursos, foram reunidos no Instituto de Matemática, no Centro Politécnico. Então em sua maioria eram engenheiros, pessoas que não tinham interesse em estudar Matemática, estudar Análise, Álgebra etc., fazer pesquisa em Matemática. Não havia esse interesse, era só dar aulas, ir embora. Era isso! Foi de fato a falta de interesse das pessoas mais antigas em manter um bom ambiente aqui.

Não havia grandes adversários, digamos, grandes polêmicas nesse instituto. Foram criados dois departamentos, que eram o de Geometria e o de Análise. O Jayme passou a ser, digamos, o chefe do Departamento de um, e como não havia funcionários na época, ele disse: “olha Clóvis, fica aí como Secretário do Departamento algum tempo”. Então eu fazia as atas, ajudava ele nas coisas etc. Até que foram conseguidos funcionários.

Depois houve uma outra reforma e passou a ser um único órgão: Departamento de Matemática. Foi extinto o Instituto de Matemática, cujo diretor era um engenheiro, por que há essa coisa do “status” e a Matemática nunca teve “status” dentro da universidade. A Engenharia tinha; então quem foi nomeado para ser o Diretor do Instituto de Matemática do

Centro Politécnico foi um engenheiro: Olavo Del Claro. Foi o primeiro Diretor do Instituto de Matemática.

Basicamente, nessa época, havia dois grupos: um grupo que era liderado, digamos assim, pelo Jayme, um grupo mais atuante, mais interessado em Matemática, mais interessado em qualificar os docentes etc., e o outro grupo, liderado por uma outra pessoa, que não vou citar o nome, porque essa pessoa ainda trabalha lá na PUC, e que eram pessoas mais interessadas na mediocridade. Havia a coisa da eleição, passou a ter eleição, e esse outro grupo queria sempre ser chefe de alguma coisa, precisava de votos, e levava seus apadrinhados para o Departamento, pois na época não havia concurso. Se precisava de alguém, pegava esse alguém na rua XV, “olha, um amigo assim, na rua XV, que tal ele vir aqui dar aula?”

Esse segundo grupo não tinha contato com a SPM, se você quer saber. A SPM sempre estive com o Rémy Freire, depois com o Jayme e depois comigo.

Se você pensou que o Barsotti e o Jayme fossem adversários, se enganou. O Barsotti é uma pessoa muito preparada também, uma pessoa com um bom potencial. Ele cooperava com a gente, ficava na dele, calado, mas não colocava obstáculos nas coisas boas do Departamento.

O pessoal que eu mencionei não participava das atividades de matemática do Departamento e nem da SPM, e talvez seja por isso que eles tivessem esse ciúme, porque é um pessoal que nunca foi convidado para participar, em função de sua mediocridade. Mas essas pessoas souberam se articular e tomaram conta do Departamento, do Instituto de Matemática e depois do Setor de Ciências Exatas. Daí o ambiente medíocre que foi criado, e nunca houve uma programação dos Chefes de Departamento para, em longo prazo, formar docentes, trazer docentes qualificados, nunca houve! A preocupação que havia era individual, de cada professor em função de seu interesse em permanecer ou não na Instituição. Porque esse pessoal que eu conheço, tinha seus empregos aí fora, não tinha muito interesse pela qualidade das coisas; em geral, eram engenheiros. Então vem daí, digamos assim, a mediocridade do ambiente matemático, que depois eu passei a reclamar muito para o Jayme, dizendo que ele iria passar à História como um dos responsáveis por isso. Ele dizia: “mas Clóvis, eu não posso fazer nada!” Ele fazia o que era possível fazer. Claro! Depois o Newton Costa, que tinha um bom grupo de pesquisa, tinha a Ayda trabalhando com ele, o Dicésar e outros; o Newton se transferiu para a USP, porque não tinha ambiente aqui. Exatamente isso! Isso que eu relembrei do Newton, falei há pouco para você e vou falar agora, é que o Newton, preocupado em publicar os seus resultados de pesquisa e não havia uma revista para publicação; ele ia, falava com o reitor, o reitor daquela época era o Flávio Suplicy de Lacerda,

“então, olha Newton, por que você não publica seu trabalho no jornal ‘A Gazeta do Povo’?” Aí ele me contou isso, “olha, Clóvis, depois dessa eu não posso mais ficar aqui”. E ele trazia pessoas de fora; o Newton, na época, trouxe um professor da França, de Clamond Ferran, que veio desenvolver, como Professor Visitante, um projeto com ele. Fazia palestras para nós; quer dizer, era um bom ambiente. Depois o Jayme também se desinteressou, foi na época de criação e desenvolvimento da Unicamp, e ele foi convidado para ir para lá, passou lá uma temporada, chegando a ser chefe do Departamento de Matemática.

As coisas foram se deteriorando aqui. Aí esse outro grupo passou a tomar o poder, era um grupo não interessado em Matemática, e daí a coisa morreu. Basicamente nunca houve, por parte do Chefe do Departamento de Matemática, um planejamento para a melhoria de qualidade do corpo docente.

A Sociedade, nessa época, eu já era o Presidente, fazia o seu papel; porque eu fiquei 15 anos como Presidente da SPM, e eu sempre desenvolvia as atividades. Eu criava cursos de extensão, na época eram chamados de cursos de verão; passei a promover o Encontro de Matemática do Paraná todo ano. Também criei as Olimpíadas de Matemática no Estado. Tudo isso em cooperação com o Departamento de Matemática. Não havia essa separação. Eu tinha o apoio do Departamento, tinha o apoio do Diretor do Setor, mas não houve a continuidade dessas coisas!

Mais uma iniciativa minha como Presidente da Diretoria da Sociedade foi que eu consegui um apoio financeiro do CNPq, na verdade era um projeto, e trouxe aqui, durante um ano, professores de fora para fazer palestras no Departamento para professores e alunos; palestras de divulgação matemática. E no ano seguinte, eu também, através de outro projeto do CNPq, consegui verba para a compra de livros e assinatura de revistas para a Biblioteca, já do Setor de Ciências Exatas da Universidade Federal do Paraná. Se tivesse havido nessa época uma conscientização por parte dos vários chefes do Departamento de Matemática, como se faz, ou como se fez por aí, como fizeram outras universidades para a qualificação do corpo docente, o ambiente matemático aqui em Curitiba seria outro, seria bem melhor!

Você tem interesse em saber também como eram as reuniões da Diretoria da SPM. Bem, havia uma pauta que nós determinávamos e discutíamos.

Uma preocupação da Diretoria era estimular os professores do Departamento de Matemática para as atividades necessárias daqui. Por exemplo, uma atividade que sempre reclamei, conversava sempre com os meus alunos, é a seguinte: depois que o aluno se formava, ele sumia, não tinha mais contato com o Departamento, e eu reclamava muito disso; por que não organizar cursos de verão? De atualização? Para esse pessoal que já trabalha na rede estadual de ensino, ou em colégios particulares? Nunca houve esse interesse por parte do

Departamento. E era também interesse da Sociedade! Outra preocupação era: por que não haver cursos de verão? E fazer disso atividade periódica do Departamento, em conjunto com a Sociedade? Não havia interesse. Aí me diziam: “Clóvis, no verão nós queremos é ir para a praia!”. Então, os melhores alunos, o que a gente fazia? Mandava fazer curso de verão fora. O Leopoldo Nachbin falava: “se você quiser, Clóvis, os melhores alunos, você manda aqui para mim”. Mandava para a Unicamp e para a USP aqueles alunos mais interessados, porque eram alunos que já tinham interesse em fazer o Mestrado. E como a graduação aqui não era boa, e ainda não é, em termos assim, de formação básica do aluno, ele tinha que fazer alguns cursos extras, de verão, para poder entrar no Mestrado. Por exemplo, fazer um bom curso de Análise, ou um curso mais avançado de Álgebra Linear, ou um curso mais avançado de Álgebra. Mas era uma preocupação, digamos assim, minha como alguém da Sociedade e também como membro do Departamento. Mas não era preocupação do Departamento em si.

Eu organizei, então, alguns cursos de extensão em conjunto SPM com o Departamento. Nós fazíamos e a universidade expedia o certificado para os alunos que participavam. Eram essas as atividades. Depois eu fiz o Encontro Paranaense de Matemática, que era o grande evento da Sociedade, anual, e sempre em convênio com o Departamento de Matemática, com o Setor de Ciências Exatas e com a Reitoria. Sempre tive o apoio deles, apoio financeiro, logístico etc. E nessas atividades da SPM eu sempre nomeava uma comissão para ficar responsável pelo evento a qual tinha a preocupação de inserir tópicos relacionados com o Ensino da Matemática Elementar, dirigida a professores do Ensino Médio, a professores do Ensino Fundamental. Em uma dessas atividades, eu trouxe a professora Elza Gomide, da USP, que nessa época estava muito interessada nisso, ela deu palestras e minicurso para os alunos. É lamentável que não tiveram continuidade essas atividades. É lamentável!

Bem, já falamos de seminários e encontros, ciências, a parte da história, a participação de estudantes, da diretoria, dos adversários (risos), o Curso de Matemática, as contribuições, dos estrangeiros. Rivalidades, da Biblioteca, do acervo. Volto a falar sobre o acervo da SPM, que era um acervo muito bom. Fiz um convênio, na década de 1990, com o reitor da UFPR, e passei todo esse acervo para a Biblioteca do Setor de Ciências Exatas do Centro Politécnico. E algumas dessas publicações estão nas estantes e outras ficaram nos porões.

Algo importante que eu deveria citar são as disciplinas. As disciplinas, que você quer saber, penso eu, são as do Curso de Matemática. Então, inicialmente o curso tinha aquela grade curricular arcaica, que era uma cópia das coisas de engenharia e da Escola Italiana, cujos livros eram livros ainda antigos. Basicamente não existiam livros. O professor escrevia alguma coisa e publicava em forma de apostilas. Após a chegada do Rémy Freire as coisas

foram sendo mais atualizadas, ele começou a dar cursos sobre Matrizes; você vê, Matrizes, que era um assunto atual para a época; Álgebra de Boole, tratar sobre Estruturas Algébricas; ninguém aqui jamais tinha ouvido falar dessas coisas, e os livros foram sendo adquiridos. Então, essas coisas foram sendo incorporadas às disciplinas do Curso de Matemática. Com o passar dos anos, o próprio Jayme foi mudando, o Newton, e outros, atualizando as ementas dos programas das disciplinas. Eu me lembro que na minha época já tinha, por exemplo, Fundamentos da Matemática; não era Fundamentos da Matemática Elementar, como hoje se põe aí. Fundamentos da Matemática, que foi iniciativa do Newton Costa, ele e a Ayda Inês Arruda davam essa disciplina para nós, durante dois anos; havia Fundamentos I e Fundamentos II. Quem não passasse no I não podia fazer o II. E os cursos de Cálculo, que faziam parte da Análise; um bom curso de Cálculo é melhor que, ou equivale a um curso de Análise. Então era isso que se fazia, um bom curso de Cálculo. Hoje nem se fala mais no Teorema de Stone-Weierstrass, e essas coisas a gente estudava com o Newton. E a partir daí a grade foi sendo melhorada. O Jayme introduzindo a Álgebra: Álgebra I e Álgebra II, que eram as Estruturas Algébricas. Muitos alunos não conseguiam aprovação na Álgebra, e era uma confusão tremenda. Queriam brigar com o Jayme e eu costumava mediar essas coisas. Aqueles alunos piores se transferiam para Paranaguá - “ah, Clóvis, vou me transferir para Paranaguá, porque lá eu passo!”-. E iam para lá. Não faziam aqui os cursos, os cursos de Álgebra, curso de Geometria Analítica; havia o de Geometria Projetiva, dentro da Escola Italiana, que depois foram sendo substituídas. Posteriormente foram incluídas Álgebra Linear e a História da Matemática. Esta última era o Jayme quem ministrava, depois ele passou para mim, daí o meu interesse pela História. Eu tive que me preparar para dar aula de História da Matemática, pois não havia nada, nem livros, e eu ficava estudando com o Jayme, preparando as coisas; e depois ele me disse: “olha aqui, Clovis, não existe nada sobre o Brasil, isso precisa ser feito.” E daí meu interesse passou a ser mais direcionado para a História da Matemática no Brasil. Claro que com o passar dos anos a disciplina História da Matemática foi transformada. Fizeram um “Frankenstein” com ela, transformaram-na em um misto de Fundamentos da Matemática Elementar e História da Matemática. É claro que votei contra, mas a maioria venceu. Isso foi lá no Departamento de Matemática. E foi mantido isso, um misto de Fundamentos da Matemática Elementar, que ninguém sabia o que era, com alguns tópicos de História da Matemática. Aí houve a destruição das coisas!

Agora eu estou lendo aqui ‘PUBLICAÇÕES’. Sim, a Sociedade exerceu também um papel muito importante com as publicações. Na primeira fase, nas décadas de 1950 a 1960, o Jayme e o Barsotti fizeram traduções de bons livros estrangeiros que foram publicadas pela Sociedade, a qual vendia esses livros.

Enfim, isso foi iniciativa da Sociedade Paranaense de Matemática, e as suas próprias publicações, que posteriormente, quando assumi a direção da Sociedade, nos idos de 1980, as coisas estavam paradas, porque o Jayme já estava cansado, o Newton já não estava mais aqui, e não havia mais interesse algum de pessoas do Departamento de Matemática pela Sociedade. Havia só um professor, que era o Joseph, já falecido, que tinha certo interesse, mas parava por aí. Então a Sociedade foi passada para mim, e eu passei a republicar o Boletim, que havia sido interrompido. Dei um outro formato, criei o Noticiário da SPM, que não existia, só para dar informações para a comunidade acadêmica; criei também uma outra publicação, que era uma espécie de apêndice do Boletim: as Monografias; dedicadas a um só tema. É que chegavam certos trabalhos longos, para serem publicados no Boletim e nós não podíamos publicar em função do número de páginas, a parte financeira era escassa, e resolvemos criar essa outra publicação.

Com essas publicações, dei continuidade ao que o Jayme havia instituído, que era a permuta com outras publicações em vários países. Então eu passei a continuar essas permutas e a ampliar esse projeto de permutas. Houve uma época que recebíamos cerca de duzentas publicações, só de permuta com essas publicações, em especial com o Boletim da SPM. Então a gente recebia publicações do Canadá; dos Estados Unidos não, porque lá eles só querem vender. Da França, da Espanha, de Portugal, da União Soviética, do Japão, da Malásia, da Austrália, da Inglaterra, da Holanda, da Dinamarca, da Argentina, do Peru, da Colômbia.... E permutava aqui no Brasil com a Academia Brasileira de Ciências, com os Anais da Academia Brasileira de Ciências. Permutava com alguma coisa da USP, da SBM também, via IMPA, da Universidade Federal de Pernambuco, que tinha umas publicações boas também. Enfim, recebíamos em torno de duzentas publicações. Duzentos periódicos em função dessas permutas. Essa parte de publicações da Sociedade foi muito importante; e todo esse material, esse acervo, mesmo pertencente à Sociedade, ficou à disposição do Departamento. Eu sempre fazia isso, divulgava para os colegas, estava à disposição, e mensalmente divulgava uma relação das publicações recentes, recebidas; só que a grande maioria não tinha interesse algum pelas coisas. Os frequentadores eram os de sempre na Biblioteca da Sociedade, que ficava em uma salinha ao lado da minha sala. Nós tínhamos duas salas. Tudo isso foi conseguido no Centro Politécnico em função do prestígio do Chaim junto à Reitoria, junto à Engenharia, porque a Engenharia era dona de tudo aquilo lá, não queria ceder para ninguém, e tanto é que depois que o Jayme se aposentou queriam tomar tudo. “Mas como? A Sociedade aqui! Isso não é da Universidade!” Aquela coisa toda, da mediocridade. Eu disse: “você podem tomar isso aqui, joguem tudo no corredor e eu chamo a televisão e filmo tudo isso aí, e direi o que está acontecendo”. Então a coisa acalmou. Então..., o que mais?

A Matemática Pura, aqui nós trabalhamos sempre com a Matemática Pura, a Matemática Aplicada não havia, nessa época não havia espaço para ela aqui. O pessoal da Engenharia não tinha grande interesse, depois é que essa coisa foi sendo desenvolvida, em função do IMPA e do IME da USP. E também uma novidade foi a Educação Matemática! Algo que não existia e que o Grupo de Rio Claro, que foi pioneiro nisso, principalmente liderado pelo Ubiratan D'Ambrosio, foi criada a Sociedade, a SBEM¹². Eu participei inclusive de algumas reuniões, aquela de Maringá em 1982.

Mas por aqui ninguém tinha interesse pela Educação Matemática; era vista aqui como coisa de segunda categoria, e o pessoal torcia o nariz para isso. “Ah, isso é coisa de quem não serve para estudar matemática e que agora está mexendo com isso aí”. Quer dizer, ninguém tinha pensado, em termos assim, da necessidade para o ensino etc. Portanto, não houve interesse do Departamento de Matemática. Eu me lembro, pois isso é recente, que quem despertou certo interesse foi o Carlos Vianna, lá no Departamento. Teve interesse nessa parte, inclusive falou comigo uma vez, e eu o apoiei: “Há espaço para tudo, deve ser feito!” Agora deve ser feito de um modo correto, e não permitir, como se diz vulgarmente, certo “oba-oba” nessas coisas, porque está iniciando e se não fizer algo correto, decente, sério, as coisas vão sair tortas e jamais poderão ser consertadas. Foi a única pessoa que se interessou por isso; me parece que depois trabalhou com alguém, não sei com quem lá, formou um grupo, mas ficou aquilo lá, restrito.

O Departamento, como você quer saber, não se envolveu. E como Sociedade eu não podia fazer grande coisa, porque esta não tinha, digamos assim, cacife para mexer com essas coisas. O que eu podia fazer eu fazia, que era incluir isso nas reuniões anuais da Sociedade. Mas não entendo o Departamento, que isso deveria ser do Departamento de Matemática, não é? Trazer pessoas interessadas, pessoas bem formadas. Formar um bom grupo de estudos e pesquisa e iniciar um bom ambiente de Educação Matemática, o que não houve por lá. Havia também uma briga muito grande, porque no Curso de Matemática havia necessidade das aulas de uma disciplina, relacionada mais ou menos com isso, que era a Prática de Ensino, ministrada pelo pessoal da Educação, mas que também não fazia Educação Matemática, e esse pessoal quando ia lá discutir essas coisas, havia briga. Eu lembro desses fatos. Nunca participei dessas reuniões, mas lembro que havia isso, o pessoal se xingava e ninguém chegava a um consenso.

Mas em termos de Sociedade não foi possível mexer com essas coisas. Houve uma época em que a SPM se interessou por isso e indicou a Elza Gomide para trabalhar nisso. O

¹² Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

que eu podia fazer eu fiz. Eu trouxe a Elza Gomide aqui, ela fez palestra para o pessoal interessado, mas ficou nisso. E também até a própria SPM não se interessou muito por isso. Ainda bem que o Grupo de Rio Claro se interessou muito, preparou bem o pessoal, desenvolveu, e está fazendo um bom trabalho.

Bem, agora, o que mais?

Eu estou vendo aqui 'MATEMÁTICAS', não! Por que alguém pode perguntar: "Há mais de uma?", seria bom colocar no singular, 'a Matemática'.

Eu vejo como uma só Matemática e abrangendo várias, o que eu chamo de, aliás eu não, o próprio CNPq chama de subáreas e depois especialidades. Uma grande área, que é a Matemática com as suas subáreas e suas especialidades. É assim que eu vejo.

Obrigado, espero que, de fato, essa entrevista contribua para o seu trabalho e que faça uma bela tese!

* * *

CLÓVIS PEREIRA DA SILVA

Depoimento em 10 de Junho de 2005, no Salão de conferências do Hotel Elo de Curitiba, Curitiba, PR.

Um pouco de história da Sociedade Paranaense de Matemática

“A Sociedade Portuguesa de Matemática contribui para acabar com todas as modalidades de isolamento; promove a ida de matemáticos portugueses ao estrangeiro...”

José Morgado, em ‘Para a História da Sociedade Portuguesa de Matemática’.

De acordo com Carr (2002), a história é um processo em movimento constante, dentro do qual o historiador se move. O título acima sugere outra perspectiva, visto que “um pouco de história” traz algumas marcas, dentre elas marca da temporalidade restrita. Entretanto, vamos relatar a história da SPM tanto por recortes cronológicos e categorias; quanto por referências documentais, como é o caso da carta que apresentamos mais adiante, de autoria do professor Jayme Machado Cardoso, cuja importância faz que adotemos o seu título para essa sessão.

Ao buscarmos trabalhos sobre a História da Matemática no Brasil, percebemos a escassez de estudos dessa natureza. Encontramos contribuições de Clóvis Pereira da Silva (1992, 1999, 2001, 2002), que exercem papel importante para nossa literatura. Destacamos sua tese de doutoramento, publicada (1992) em livro: “A Matemática no Brasil: uma história do seu desenvolvimento”. Há, também, trabalhos relevantes que serviram como referência em nossos estudos, dentre os quais Azevedo (2002), Dias (2000, 2002), Hönig e Gomide (1979), Medeiros (1984), Silva da Silva (1999) e Gaertner (2004).

Segundo Dias (2002), a existente historiografia sobre a Matemática no Brasil admite normalmente que a matemática esteve ligada principalmente à Engenharia durante o período da história brasileira, delimitado pela implantação dos primeiros cursos militares e pela fundação das primeiras universidades, isto é, que os matemáticos, os professores de matemática, as pessoas que dominavam um certo tipo de conhecimento matemático escolar, acadêmico ou superior geralmente eram engenheiros militares ou civis que se bacharelavam ou se doutoravam nessa ciência ao mesmo tempo em que se formavam engenheiros, pois as escolas politécnicas e as academias militares, se não foram de fato os únicos, vêm sendo considerados como os principais espaços institucionais nos quais se praticou matemática nesse período.

Algumas das contribuições supracitadas, por estarem relacionadas com a história de instituições acadêmicas, nos indicam alguns estados brasileiros em que a Matemática exerceu papel relevante.

Dias (2002), por exemplo, apresenta o resultado de sua pesquisa sobre as atividades matemáticas na Bahia no período demarcado pela fundação da Escola Politécnica da Bahia (EP) em 1896; pela fundação da Faculdade de Filosofia da Bahia (FF), em 1941; pela fundação do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (IMF) em 1960; e pelo desmembramento deste último nos dois atuais Instituto de Matemática (IM) e Instituto de Física (IF) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1968, por ocasião da implantação da Reforma Universitária.

Sua pesquisa vem juntar-se a outras também dedicadas aos problemas da difusão, recepção, apropriação e institucionalização da ciência moderna europeia nos contextos socioculturais específicos dos diversos países, das diversas nações ou regiões geográficas do mundo. Mais especificamente, para este autor interessava contribuir para a análise histórica dos diferentes padrões de institucionalização das atividades matemáticas no Brasil, especialmente daqueles implantados após a fundação das primeiras universidades e das respectivas faculdades de Filosofia a partir dos anos 1930.

Como as narrativas, interpretações e explicações desses processos que já existem foram feitas normalmente conforme os pontos de vista próprios de centros como São Paulo ou Rio de Janeiro, Dias tinha pretensão de enriquecer a historiografia com uma análise desenvolvida segundo um ponto de vista diferente, adotando a perspectiva própria de uma outra região, de um outro local. Por esse motivo, justifica ele, focalizou as atividades matemáticas desenvolvidas nas instituições baianas listadas acima durante o período já referido.

Os trabalhos de Medeiros (1984) enfatizam alguns aspectos da Matemática no Rio de Janeiro, como a formação da Faculdade Nacional de Filosofia, integrante da Universidade do Brasil, e a contribuição de alguns matemáticos nessa instituição.

O trabalho de Hönig e Gomide (1979) é um capítulo do livro “História das Ciências no Brasil”, organizado por Mário G. Ferri e Shozo Motoyama. Neste trabalho os autores apresentam os diferentes ramos das Ciências Matemáticas, como também descrevem a Matemática brasileira antes de 1934, a criação das Faculdades de Filosofia e a organização da Matemática brasileira a partir de 1950. Notamos que neste trabalho não há menção sobre o desenvolvimento da matemática no Estado do Paraná. Há apenas no final agradecimento a vários professores, incluindo o professor Newton Carneiro Affonso da Costa.

Já o trabalho de Silva da Silva (1999) apresenta alguns resultados, especificamente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, oriundos de uma pesquisa mais ampla, de acordo com a autora, sobre a evolução da Matemática brasileira no período de 1930 a 1960. Entretanto, o trabalho desta autora, além dos fatos históricos retratados, também discute a formação do professor de matemática, descrevendo o currículo proposto em 1934 na FFCL da Universidade de São Paulo e os primeiros alunos do Curso de Matemática dessa instituição.

O trabalho Gaertner (2004) procura resgatar aspectos históricos da educação e da matemática escolar da região de Blumenau (SC), de colonização alemã, no período de 1889 a 1968. Nesse trabalho, assim como no nosso, como descreveremos no próximo capítulo, a autora utiliza a História Oral como metodologia de investigação acompanhada de pesquisa a registros escritos.

Em relação a essa temática, a História Oral dentro da Educação Matemática, com respeito a instituições acadêmicas ou grupos que atuaram em instituições e/ou órgãos educacionais, ressaltamos os trabalhos de Souza (2005) e Silva (2006), os quais serão indicados nas próximas seções do presente trabalho.

Como constatamos, as contribuições de Dias (2002) realçam a Bahia; a de Medeiros (1984) o Rio de Janeiro; a de Silva da Silva, São Paulo; e de Gaertner (2004), Santa Catarina. A contribuição de Hönig e Gomide (1979), e os estudos de Azevedo e de Silva têm características mais abrangentes, não se restringem especificamente a um Estado, a um matemático, ou, ainda, a uma instituição específica.

Dessa forma, não encontramos registros de trabalhos que enfocam especificamente a história da Matemática no Estado do Paraná. Essa também é uma das razões da escolha de nosso objeto de investigação.

Corroborando com o que afirmamos anteriormente, Dias (2000), ao abordar pontos da historiografia da Revista Brasileira de Matemática, acaba fazendo um alerta sobre a cultura de valorização de determinados centros de nosso país quando pontua:

“De fato, a historiografia das ciências no Brasil contemporâneo ainda está, por várias razões, centrada nas coisas, acontecimentos, narrativas e interpretações que emanam dessas metrópoles. Muito pouco é dito sobre as coisas e acontecimentos de outros locais, segundo a perspectiva que lhes é própria. Todavia, direi o óbvio, vida havia em outras cidades, e havendo vida também haviam pessoas pensantes, intelectuais que, além de viver, também produziam cultura, inclusive cultura científica!” (DIAS, 2000, p.51).

Sabemos também que Trivizoli está estudando, em sua dissertação de mestrado, a primeira associação de Matemática constituída no Brasil. Esta foi fundada no Estado de São Paulo em 1945¹³, dentro da USP, e congregava matemáticos e professores de Matemática. Essa sociedade foi extinta no ano de 1968 em razão de alguns matemáticos desejarem a criação de uma sociedade que fosse de âmbito nacional. Conjeturamos que a fundação dessa sociedade se deu sob forte influência de matemáticos estrangeiros contratados na época.

Da mesma forma, no Estado do Paraná, e no que tange ao foco de nossa investigação, conjeturamos que a criação da Sociedade Paranaense de Matemática, fundada em 31 de outubro de 1953, tenha sido idealizada sob a influência da Sociedade Portuguesa de Matemática por meio de João Rémy Teixeira Freire, radicado em Curitiba naquela época.

Como referência inicial escreve Clóvis Pereira da Silva:

“O Professor João Rémy iniciou em Curitiba um ambiente de estudos matemáticos sérios, inclusive com a prática de seminários de formação e de cursos de férias. Não se entenda que após a chegada da Dr. J. Rémy, o ambiente matemático em Curitiba tenha alcançado o nível dos ambientes das instituições localizadas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Este fato jamais aconteceu. Porém, é inquestionável que o ambiente matemático em Curitiba fora impulsionado para frente após a chegada daquele matemático português. . . . No final da década de 1950 o Dr. João Rémy partira para a cidade de Santiago, Chile, para assumir um cargo em um dos órgãos das Nações Unidas. Lamentavelmente, a formação de um bom ambiente matemático em Curitiba não tivera continuidade. Algo inexplicável aconteceu com os responsáveis pela manutenção daquele ambiente” (SILVA, 1992).

Registramos, novamente, que o professor Rémy Freire havia sido assistente do renomado matemático professor Bento de Jesus Caraça na Universidade de Lisboa, sendo também um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Matemática.

Dessa forma, voltemos novamente às seções anteriores deste trabalho e perguntemos: “Como é possível que a existência simultânea de muitas pessoas, sua vida comum, seus atos recíprocos, a totalidade de suas relações mútuas dêem origem a algo que nenhum dos indivíduos, considerado isoladamente, tencionou ou promoveu, algo de que ele faz parte, querendo ou não, uma estrutura de indivíduos interdependentes, uma sociedade?” (ver p. 43 do presente trabalho).

Elias (1994) postula que cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que

¹³ A Sociedade Paulista de Matemática, na verdade Sociedade Matemática de São Paulo, foi criada em 1939, segundo informações orais de Lucieli Trivizoli. Entretanto, só se efetivou em 1945.

a prendem. Essas cadeias não são visíveis nem tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, o que Elias chama de “sociedade”. Para o autor, ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são denominadas “estruturas sociais”.

Para compreendermos a forma das partes individuais de nossa “sociedade”, conforme Elias, devemos começar pensando na estrutura do todo. A relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. E para entendermos, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começarmos a pensar em termos de relações e funções. Assim, afirma Elias, o pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca.

“Só se pode chegar a uma compreensão clara da relação entre indivíduo e sociedade quando nela se inclui o perpétuo crescimento dos indivíduos dentro da sociedade, quando se inclui o processo de individualização na teoria da sociedade. A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é “sociedade” ”(ELIAS, 1994, p. 30).

Nesse contexto, a Sociedade Paranaense de Matemática (SPM) pode ser encarada isoladamente, como se fosse um indivíduo no mundo das sociedades em geral; e essa é uma das maneiras possíveis de observá-la para compreendermos seus processos de socialização, enquanto que outra perspectiva seria a de pensá-la como um todo, considerando os indivíduos que a compõem como sendo suas partes.

Para Elias, não é possível tomar indivíduos isolados como ponto de partida para entender a estrutura de seus relacionamentos mútuos, a estrutura da sociedade. Ao contrário, devemos partir da estrutura das relações *entre* os indivíduos para compreender a “psique” da pessoa singular.

Os seres humanos são parte de uma ordem natural e de uma ordem social. As considerações precedentes mostram como é possível, em analogia, observar esse duplo caráter em relação ao nosso objeto de estudo, a SPM.

“A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p.45).

A seguir, reproduzimos um documento que é um testemunho importante da relação entre um indivíduo e seu grupo. O texto foi escrito pelo professor Jayme Cardoso, uma das pessoas que talvez mais tivesse a dizer sobre as origens e o processo de fundação da SPM.

Entretanto, infelizmente o professor não pôde nos conceder uma entrevista devido a seu estado debilitado de saúde. A leitura do texto remete diretamente para o que poderiam ter sido os esclarecimentos que ele prestaria...

Um pouco de História da Sociedade Paranaense de Matemática

Jayme M. Cardoso - 1984

Meu propósito aqui é dar uma idéia de como se procedeu a fundação da Sociedade Paranaense de Matemática – SPM, a pedido de sua atual diretoria. Sua fundação deu-se no dia 31 de outubro de 1953.

Antes da fundação da SPM tivemos duas tentativas para reunir em uma associação os interessados nas ciências exatas em Curitiba. A primeira deu-se em 1950, com a criação do Instituto de Matemática do Paraná, idealizado pelo prof. Lydio Scardini, que nem chegou a ter existência legal e que teve seu pequeno patrimônio doado para a SPM em 1953. Em 1951, sob a responsabilidade dos professores Nelson de Luca e Leonel Moro, fundou-se o Centro Paranaense de Pesquisas Físicas, cuja existência se limitou à reunião de fundação.

O ambiente matemático em Curitiba nos anos 1950 era muito ruim. No que diz respeito à Matemática, não havia atividades extracurriculares e as bibliotecas possuíam apenas livros utilizados pelos estudantes de Engenharia. Antes de 1953, apenas o prof. Leo Barsotti, então assistente da cadeira de “Cálculo” da Faculdade de Engenharia, havia publicado artigos originais sobre Matemática. A Universidade do Paraná tinha sido instalada em 1946 com quatro faculdades, das quais apenas as faculdades de Engenharia (fundada em 1913) e a de Filosofia (em 1938, mas com o curso de Matemática iniciando em 1940) tinham cadeiras de Matemática. O mais antigo professor de Matemática de Curitiba era Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas, catedrático de “Mecânica Racional” na Faculdade de Engenharia e professor de diversas instituições de ensino de Curitiba. O prof. Teixeira de Freitas tinha sido professor de quase todos os professores de Matemática de Curitiba, e por esse motivo foi escolhido como presidente da primeira diretoria da Sociedade, tendo sido reeleito por seis vezes consecutivas. Mas a figura mais significativa da Matemática em Curitiba nos anos 1950 era Olavo del Claro, que tinha sido aprovado em concurso na Faculdade de Engenharia (1936) e na Escola de Agronomia (1942). Quando da fundação da Faculdade de Filosofia, o prof. del Claro foi preterido na escolha do corpo docente, e isto foi, sem dúvida, a causa do péssimo relacionamento entre os professores de Matemática das duas faculdades. Havia necessidade de um catalisador.

O catalisador apareceu em 1952 na pessoa do prof. João Remy Teixeira Freire, natural de Lisboa e posteriormente naturalizado brasileiro, que veio para Curitiba assumir a cadeira de “Estatística Geral e Aplicada” do recém-criado curso de Ciências Sociais da

Faculdade de Filosofia. Remy Freire era Bacharel em Ciências Econômicas e Doutor em Economia pela Universidade de Lisboa, e depois de já estar instalado em Curitiba, obteve o Doutorado de Estado em Estatística pela Universidade de Paris. Remy Freire tinha sido assistente do renomado matemático Bento de Jesus Caraça na Universidade de Lisboa e um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Matemática. Em “Análise Matemática e Superior”, aproximou-se de Newton Carneiro Affonso da Costa, então aluno do curso de Matemática, que inclusive pela influência de Remy Freire, veio a ser o único curitibano que, até hoje, se projetou internacionalmente como matemático.

Graças ao carisma de que era portador, Remy Freire granjeou largo círculo de amizade em Curitiba, principalmente no meio universitário, o que facilitou a sua disposição de fundar a Sociedade Paranaense de Matemática.

A primeira diretoria da Sociedade era assim constituída: Presidente Teixeira de Freitas, Vice-Presidente Ulysses Carneiro, Secretário Geral Remy Freire, Sub-Secretário Jayme Cardoso, Tesoureiro Dyonil Ruben Carneiro Bond, Diretor de Publicações Leo Barsotti e Diretor de Cursos e Conferências Newton Carneiro Afonso da Costa.

Dias após a fundação da Sociedade, houve uma reunião da Sociedade Brasileira em Curitiba intitulada ‘Para o Progresso da Ciência’. Entre os participantes estavam Benedito Castrucci, Cândido Dias, Luiz Henrique Jacy Monteiro e José de Barros Neto, todos professores do Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia da USP. Além das comunicações feitas na SBPC, esses professores proferiram conferências na Sociedade, e se tornaram os primeiros sócios correspondentes da Sociedade. Era o início promissor de atividades da Sociedade, que nesses 31 anos de existência tem patrocinado a realização de cursos, seminários, reuniões, conferências, além de publicação de livros e periódicos.

O texto do professor Jayme nos proporciona uma perspectiva de como um representante importante e influente de um grupo de pessoas no Departamento de Matemática da UFPR olhava para o passado e exercia forte impressão sobre seus pares. Afirmar isso é relevante para destacar que embora tenha vivido aquela época, não podemos tomar o testemunho dele, nem de qualquer outro, como sendo “a verdade”. O caminho para a construção de uma perspectiva histórica passa, também, pela imersão na massa de documentos deixados por aqueles que trabalharam pela SPM, e é essa outra dimensão que passamos a explorar em seguida.

Quando começamos a verificar os documentos da SPM percebemos, pelos livros-ata da Diretoria e das Assembléias, que a Sociedade, nitidamente, passou por algumas “fases”.

Os primeiros documentos sobre a Fundação da SPM a que tivemos acesso foram as atas de Fundação e de constituição da primeira Diretoria. No Anexo 4 apresentamos cópias do 1º Estatuto, do Diário Oficial do Estado do Paraná reconhecendo a Entidade, assim como a Relação dos sócios-fundadores e o documento que apresenta a constituição da 1ª Diretoria.

No livro ata das Assembléias da Sociedade percebemos que os associados não tinham envolvimento com os ‘destinos’ da SPM. As assembléias, geralmente, eram realizadas no final do ano ou no início de cada ano, tendo sempre como item de pauta a eleição da nova Diretoria, quando se completava dois anos, e a apreciação do Relatório Anual da Diretoria, bem como a prestação de contas anuais. Notamos que o número de associados nas Assembléias era pequeno (em vista do fato da Sociedade chegar a atingir quase oitocentos sócios): com exceção da primeira, o maior número de associados presentes em uma Assembléia foi quinze. Talvez isso tenha ocorrido devido à pouca divulgação, mas foi um dos motivos que nos levaram a analisar e a descrever mais detalhadamente o livro ata das reuniões da Diretoria.

Foram precisamente cento e cinquenta e seis reuniões até a transferência de foro para Maringá. No material que apresentamos em seguida, destacamos o objetivo principal de cada uma das reuniões, assim como buscamos indícios, nesses documentos, de fatos que nos remetessem a reflexões e indicações de respostas aos questionamentos arrolados no início deste trabalho.

Nas primeiras reuniões da Diretoria da SPM, particularmente nas duas primeiras, percebemos o entusiasmo de seus membros para com essa Sociedade que estava se iniciando. Podemos assinalar que foram traçadas as metas, nas quais a preocupação maior que observamos é quanto ao ‘bom desenvolvimento’ da Matemática no Estado, bem como para

com a formação matemática no ‘Ensino Superior e Secundários’. Entretanto, não detectamos envolvimento algum de pessoas fora de Curitiba.

O professor Rémy Freire, na primeira reunião, propõe a realização de um concurso sobre ‘trabalhos originais de Matemática’, no qual concorreriam todos os estudantes do Estado do Paraná. Ao analisar as atas, verificamos que apenas um estudante participou do referido concurso. O Edital do concurso e seu resultado são documentos que encontram-se no Anexo 5. Desse Edital destacamos:

“Com o fim de despertar e desenvolver o interesse pela Matemática e suas aplicações entre os estudantes paranaenses, a Diretoria da SPM resolveu, na sua última sessão, organizar um concurso nas seguintes condições:

1. – A Secretaria da SPM receberá, até o dia 30 de Setembro de 1954, quaisquer trabalhos originais sobre Matemática Pura ou Aplicada, da autoria de alunos matriculados em qualquer estabelecimento de ensino paranaense, desde que já não sejam diplomados por estabelecimento de ensino superior na presente data. ...”

(Sociedade Paranaense de Matemática – Edital de Concurso. Curitiba, 23 de Novembro de 1953).

Sabemos, pelas atas e documentos expedidos pela SPM, que o referido concurso foi divulgado nos jornais “O Dia”, “Estado do Paraná” e “Gazeta do Povo”; portanto, constatamos, embora sem acesso a esses jornais, que houve divulgação do mesmo.

Além disso, no mesmo período foi realizado, pela SPM, o 1º Ciclo de Palestras, o qual foi publicado nos principais jornais de Curitiba nos dias 13 e 14 de novembro de 1953, conforme documentos apresentados no Anexo 6.

O programa das conferências desse evento constou do seguinte:

“Dia 13, às 20h, ‘Introdução à Teoria da fatorização’, pelo prof. Dr. L. Jacy Monteiro.

Sumário: Partindo-se da decomposição de um número em fatores primos, procura-se generalizar este conceito introduzindo-se, para tal fim, diversas noções fundamentais da Álgebra Moderna.

Dia 14, às 15h, ‘Introdução à Teoria da Medida’, pelo prof. Dr. José de Barros Neto.

Sumário: Partindo-se dos intervalos abertos, obtém-se uma construção da classe dos conjuntos de Borel da reta, utilizando o principio da indução transfinita. Em seguida generaliza-se essa noção.

Dia 16, às 18h, ‘Sobre os conjuntos finitos’, pelo prof. Dr. Candido da Silva Dias.

Sumário: Introdução à Teoria Axiomática dos conjuntos, focalizando-se em particular diferentes definições de conjuntos finitos.

Dia 17, às 20h30min, 'Postulados fundamentais da Geometria Projetiva', pelo prof. Dr. Benedito Castrucci.

Sumário: Trata-se da axiomática da geometria projetiva abstrata sobre um corpo comutativo qualquer, em particular um corpo finito. ...”

(Sociedade Paranaense de Matemática. 1º Ciclo de Conferências).

É possível percebermos, pelos sumários supracitados, que as conferências programadas dirigiam-se a um público com interesse pela matemática pura.

Também é possível verificarmos nos documentos disponíveis (Anexo 7) uma grande oferta de cursos de extensão, promovidos pela Sociedade. Tais cursos, a julgar pelos seus títulos, eram direcionados a professores e alunos do Ensino Superior. Nesse período não encontramos registros de curso destinado, especificamente, a alunos e/ou professores do que nomeamos hoje Ensino Fundamental e Médio. Além disso, detectamos também que nesse período as publicações, por meio das Revistas e/ou Traduções, eram destinadas ao Ensino Superior.

Para não incorrermos em erro com relação ao que apontamos acima, convém registrar que o professor Rémy Freire, em uma reunião da Diretoria no ano de 1954, propôs que a Sociedade ofertasse um curso de preparação para os 'vestibulares das Escolas Superiores'. Todavia, apesar de ter sido aprovado, não encontramos registros de que o mesmo tenha ocorrido.

Em 1955, o professor Rémy Freire passa para a categoria de sócio correspondente da SPM “por motivo de mudança de residência de Curitiba para Santiago (Chile)”. Percebemos que as propostas de atividades 'criativas' fora do ambiente acadêmico, começam a se esgotar. Reiteramos que a saída desse membro da Sociedade foi uma perda irreparável. Embora muitos reconheçam o valor ímpar do professor Rémy Freire para o crescimento do ambiente matemático paranaense, não há registros de agradecimento ou menções nas atas e documentos da época para com ele. Acreditamos, pelo pequeno histórico apresentado, que a vivência acadêmica do professor Rémy Freire difere da dos demais membros da Sociedade. Com isso, abrimos um parêntese para refletirmos um pouco mais a respeito desse professor, e adotamos a referência feita a ele pelo professor Jayme Machado Cardoso.

Um matemático catalisador

“... cada pessoa só é capaz de dizer “eu” se e porque pode,
ao mesmo tempo, dizer “nós”
Norbert Elias

Segundo informações obtidas por meio do professor Clóvis Pereira da Silva, o professor João Rémy Teixeira Freire nasceu em Lisboa, Portugal, em 1919. Graduou-se em Ciências Econômicas e Financeiras pela Universidade de Lisboa, onde também obteve seu Doutorado em Ciências Econômicas. Além disso, era Doutor em Estatística pela Universidade de Paris.

A escassez de documentos com relação a esse professor fez com que nos limitássemos aos depoimentos dos idealizadores dessa Sociedade e a sítios da Internet que contivessem conteúdos relacionados a esse assunto. Digno de destaque é:

www.mat.uc.pt/~jaimecs/indexhspm.html

Antes de estabelecer residência em Curitiba, precisamente em 1952, o professor Rémy Freire atuou como docente em universidades portuguesas, sendo discípulo de Bento de Jesus Caraça, o qual, juntamente com outros matemáticos, como Mira Fernandes, Zaluar Nunes, Antonio Aniceto Monteiro e Pilar Ribeiro idealizaram e fundaram a Sociedade Portuguesa de Matemática.

“Há 50 anos, precisamente em 12 de Dezembro de 1940, pelas 22 horas, na sala de Cálculo da Faculdade de Ciências de Lisboa, reuniu-se a Assembléia Geral da Sociedade Portuguesa de Matemática, para discussão e aprovação dos Estatutos e eleição dos corpos gerentes...

... assim nasceu oficialmente a Sociedade Portuguesa de Matemática.

Nos seus primeiros 50 anos de existência, houve períodos de atividade muito intensa e um longo período houve em que mal se dava conta de que ainda vivia, tão reduzida foi a sua atividade pelos detentores do poder!..”
(JOSÉ MORGADO - "Para a História da Sociedade Portuguesa de Matemática").

Entretanto, essa data é tardia quando comparada às das sociedades matemáticas de alguns países europeus, como França, Alemanha, Itália e Inglaterra, por exemplo.

De fato, conforme José Morgado, na *Histoire Générale des Sciences*, dirigida por René Taton, aponta-se como fator decisivo para explicar o "magnífico desenvolvimento dos diferentes ramos das matemáticas no século XIX" o surto rápido das atividades de investigação nos países mais evoluídos, "sob o efeito da democratização crescente do ensino superior e da profissionalização da atividade de matemático". O texto acrescenta:

"Esta evolução é ela própria comandada por certos fatores políticos, sociais e econômicos. A reforma do ensino superior científico e técnico realizada em França pela Revolução concede, com efeito, às matemáticas um lugar muito mais importante do que o que tinham anteriormente nos programas e confia as principais cadeiras aos sábios mais eminentes, dotando estes de uma importante função social e libertando-os das preocupações materiais mais imediatas. Além disso, pondo o ensino em contato direto com a investigação e abrindo-o a classes mais amplas da Sociedade, favorece-se o aparecimento de um número muito maior de vocações."

O aumento do número de trabalhos de investigação é facilitado pela criação de um número crescente de revistas especializadas, pelo aparecimento dos primeiros boletins bibliográficos e pela fundação de sociedades matemáticas regionais ou nacionais: Sociedade Matemática de Londres (1865), Sociedade Matemática de França (1872), Sociedade Matemática de Edimburgo (1883), Círculo Matemático de Palermo (1884), Sociedade Matemática Americana (1888), Associação Matemática Alemã (1890) etc.

Todas essas Sociedades fundam as suas próprias revistas especializadas, boletins informativos, promovem reuniões, colóquios e congressos, servem-se dos meios mais variados para promover o convívio entre os matemáticos dos seus próprios países ou regiões e o convívio entre estes e os de outros países ou regiões. Fazem o que lhes é possível para não deixar cair os respectivos membros no isolamento científico.

O nascimento da Sociedade Portuguesa de Matemática só foi possível em 1940. Essa diferença de mais de meio século, em um período de atividade tão intensa, dá-nos uma idéia do que foi o isolamento português, principal causa de seu atraso, conforme conta Antonio Monteiro em www.mat.uc.pt/~jaimecs/indexhspm.html

A efervescência da atividade matemática, na década de 1940 em Portugal, é reconhecida por muitos testemunhos, mas evidentemente não foi suficiente para vencer o atraso já mencionado.

Além disso, nos anos de 1946 e 1947, de acordo com o mesmo sítio supramencionado, o regime salazarista desencadeou uma ofensiva contra a Universidade Portuguesa.

Por diversos processos, foram afastados do ensino universitário (do Porto, de Lisboa e de Coimbra) ou impedidos de nele entrarem, entre outros: Bento Caraça, Mário de Azevedo Gomes, Ruy Luís Gomes, Pulido Valente, Fernando Fonseca, Ferreira de Macedo, Peres de Carvalho, Dias Amado, Celestino da Costa, Cândido de Oliveira, Adelino da Costa, Cascão de Anciães, Mário Silva, Torre de Assunção, Flávio Resende, Zaluar Nunes, Remy Freire, Crabée Rocha, Manuel Valadares, Armando Gibert, Lopes Raimundo, Laureano Barros, José Morgado, Morbey Rodrigues, Alfredo Pereira Gomes, Augusto Sá da Costa, Virgílio Barroso, Jorge Delgado, Hugo Ribeiro, António Monteiro, Fernando Soares David, Marques da Silva e António Santos Soares (Anexo7).

Em outros graus de ensino, houve também professores que foram afastados e muitos licenciados que foram impedidos de se profissionalizarem como professores.

Segundo CARVALHO (2001), o *Diário de Notícias* de Portugal, em 15 de junho de 1947, inseriu uma nota com extenso título: “O Governo deliberou afastar da atividade do serviço os militares que traíram as suas obrigações para com os poderes públicos e para com os chefes e afastar do exercício de funções públicas os indivíduos que tem salientado pela prática de atos sediciosos”. E acrescenta quem são esses últimos, indicando as agitações ocorridas nos meios estudantis.

“É sabido que houve professores e assistentes que ostensiva ou veladamente animaram a agitação e os agitadores”. A esses seriam aplicadas as devidas penas, avisando-se que “O Governo não hesitará em impor a saída do país ou a residência em algumas partes do território nacional aos agitadores reincidentes”[...]. Assim, além dos militares, foram demitidos onze professores catedráticos, dois professores extraordinários, e rescindidos os contratos a oito professores assistentes”(CARVALHO, 2001, p. 783-784).

Os Centros de Matemática foram praticamente extintos. As atividades da Sociedade Portuguesa de Matemática foram proibidas em qualquer dependência do Ministério da chamada Educação Nacional.

“Quando o matemático espanhol Germán Ancochea esteve em Lisboa, para fazer uma conferência sobre Geometria Algébrica, a única maneira que tivemos de arranjar local para que a conferência pudesse ser feita foi convidarmos o colega espanhol para almoçar no English Bar e, depois do almoço, juntaram-se as mesas e ele fez a conferência no English Bar, visto que não podíamos usar nenhuma dependência do chamado Ministério da Educação” (MORGADO, J., para a “História da Sociedade Portuguesa de Matemática” - <http://www.mat.uc.pt/~jaimecs/hspm>).

O Seminário de Matemática para matemáticos e físicos, que era realizado no Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa e dirigido por Hugo Ribeiro, passou a ser feito em uma dependência de sua casa no Murtal, São Pedro do Estoril. A casa de Hugo Ribeiro, no Murtal, foi promovida a Universidade do Murtal!...

No Porto, o Seminário de Matemática foi transferido para a casa de Neves Real, na Rua Almada. A casa de Neves Real passou a ser conhecida como a Universidade da Rua do Almada!...

Não foi possível à Sociedade Portuguesa de Matemática reunir a Assembléia Geral para eleger nova Direção e, da última Direção eleita, apenas o Vice-Presidente pôde conservar o seu lugar de professor.

Não apenas isso, alguns tiveram de sair de Portugal para poderem continuar a trabalhar em Matemática; outros tiveram que passar períodos, mais ou menos longos, nas prisões e ainda outros tiveram de mudar de profissão.

“Mas as revistas foram salvas”! Zaluar Nunes, enquanto viveu, conseguiu que a *Portugaliae Mathematica* fosse publicada. Gaspar Teixeira conseguiu que a Gazeta de Matemática se mantivesse até depois do 25 de Abril¹⁴ e, depois do falecimento de Zaluar Nunes conseguiu que a *Portugaliae Mathematica* continuasse a ser publicada após 25 de Abril.

A Sociedade Portuguesa de Matemática, mesmo sendo impedida de realizar as suas reuniões e de eleger nova direção, ainda durante algum tempo, depois de 1947, conseguiu apoiar financeiramente um ou outro número da Gazeta e da *Portugaliae* e fazer-se representar em uma ou outra reunião matemática internacional.

Apesar de tudo, a Resistência Matemática funcionou!

O exposto acima apresenta um panorama do esforço e contribuição de alguns matemáticos portugueses durante a ditadura salazarista, particularmente na década de 1940. E dentre esses indivíduos salientamos o professor João Rémy Teixeira Freire, que expulso de seu país - conforme sítio da Fundação Mario Soares e cópia do Diário Oficial Português (Anexo 7), veio a oficializar residência em Curitiba por influência do professor José Loureiro Fernandes (segundo fontes orais, neste trabalho, dos depoentes Newton Affonso Carneiro da Costa e Clóvis Pereira da Silva).

¹⁴ 25 de Abril de 1974, data da transição democrática portuguesa. Também denominada por Revolução dos Cravos, a revolução do 25 de Abril decretou o fim da ditadura do Estado Novo.

Inicia-se aí uma nova fase ao desenvolvimento matemático paranaense.

De acordo com Elias (1994, p. 117), as diferenças de comportamento, dons e experiências entre as pessoas isoladamente consideradas existiam, sem dúvida, nas mais simples comunidades humanas. Não obstante, quanto mais os atos das pessoas são regidos por forças naturais (indomadas dentro delas mesmas), menos elas diferem entre si em seu comportamento. E quanto mais variada e difundidamente essas forças instintivas são contidas, desviadas e transformadas – primeiro pelo amor e medo dos outros, depois também pelo autocontrole –, mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças em seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais “individualizados” tornam-se os indivíduos.

Tentamos identificar esse processo de individuação em Rémy Freire, quando o mesmo idealiza a Sociedade Paranaense de Matemática (SPM) nos moldes da Sociedade Portuguesa de Matemática.

“Estritamente falando, apenas num nível puramente lingüístico é possível opor “indivíduo” e “sociedade”, como bonecos num espetáculo de marionetes. E não é pequena a contribuição dos conflitos entre grupos de nações com sistemas diferentes de valores, que enfatizam uma coisa em detrimento da outra, para a maneira como esses problemas são freqüentemente exibidos sob a bandeira do “ou-ou” na vida cotidiana, na luta entre os partidos políticos e até na filosofia, na sociologia, na história e em muitas outras disciplinas. Por estarem os indivíduos vinculados, quase que rotineiramente, ao sistema de valores de um campo ou do outro, verificamos com freqüência que, na tentativa de descobrir o que realmente é a relação entre indivíduo e sociedade, é comum adotarem-se os gritos de guerra dos campos opostos, que estão predominantemente interessados no que essa relação deve ser” (ELIAS, 1994, p.122).

Entendendo dessa forma, não se opõe indivíduo e sociedade, mas podemos considerar que o processo de “construção” da sociedade permeia a individuação de todos os indivíduos que irão compô-lo. Particularmente, SPM e Rémy Freire em alguns momentos podem ser tomados como sinônimos.

Rémy Freire, apesar de sua atuação na área de Matemática, era formado Bacharel em Ciências Econômicas e Doutor em Economia pela Universidade de Lisboa, e segundo Jayme Cardoso, depois de já estar instalado em Curitiba, obteve o Doutorado de Estado em Estatística pela Universidade de Paris.

Esse português foi, conforme Aramis Millarch (Anexo 8), praticamente o introdutor dos estudos estatísticos no Paraná.

Como percebemos, as fontes sobre Rémy Freire são esparsas, e resta o desafio de obter mais detalhes e informações acerca da atuação desse matemático antes e depois de sua saída do Brasil.

Uma periodização

A Sociedade Paranaense de Matemática marcou o início dos estudos matemáticos no Paraná, especificamente no Ensino Superior, visto que procurou congregar os cultores da Matemática em um período em que não haviam ainda se constituídos os Departamentos de Matemática nas universidades paranaenses. Os professores que ministravam aulas de Matemática nos cursos superiores eram, em sua maioria, engenheiros, e estavam contratados em faculdades isoladas. Dessa forma, o vínculo que tinham ficava, muitas vezes, restrito ao curso que atuavam e não aos destinos que o desenvolvimento matemático científico poderia atingir.

As referências bibliográficas, particularmente as de Clóvis Pereira da Silva, são as únicas que trazem conteúdos relativos à SPM, tratando brevemente de sua fundação e das atividades desenvolvidas, sem, contudo, especificar documentos e fontes orais. Consultando então os materiais e pessoas envolvidas com essa Sociedade, entendemos que descrever, inicialmente, as origens desta se fazia necessário. Entretanto, estabelecer um panorama desse objeto até os dias atuais também seria relevante, porém sem tempo hábil para tal empreendimento. Dessa forma, deveríamos estabelecer categorias de prioridades e assim o fizemos para retratar nosso objeto.

Por meio das fontes documentais disponíveis observamos algumas mudanças, como números de sócios, atividades desenvolvidas (Anexo 6), acervo bibliográfico, permutas de revistas científicas, publicações e até a transferência de seu foro. Isso posto, optamos por enfatizar seu “início”, porém relataremos também fatos que julgamos relevantes ao desenvolvimento da Matemática no Estado do Paraná, dos quais a Sociedade atuou e/ou presenciou. Esse “início” nesta investigação abrangerá prioritariamente os quinze primeiros anos de sua fundação, ou seja, de 1953 a 1968, período que marca a concentração da matemática paranaense na capital (Anexo 4), haja vista que as únicas universidades da época se concentravam em Curitiba.

Esse período foi escolhido também com base nas atas das reuniões da Diretoria da SPM, que expressam uma mudança de atitude em relação às atividades desenvolvidas, como descreveremos adiante.

Como sabemos, a fundação da SPM ocorreu em 31 de outubro de 1953 na Universidade do Paraná, em Curitiba. A primeira reunião da Diretoria aconteceu nove dias após sua fundação, em 9 de novembro de 1953. Nessa reunião, foram estabelecidas as metas da Sociedade, e como nas demais que ocorreram no período “inicial”, o que observamos explicitamente é a preocupação da Diretoria com a divulgação da Sociedade para seu reconhecimento. Todavia, notamos que sua atuação ocorreu basicamente no ambiente da Universidade do Paraná, ou seja, a saída de um isolamento científico, que era objetivo da mesma, parece não acontecer. Com o passar dos anos isso se consolida, até o final dessa fase, por volta de 1968. As publicações e as permutas, porém, são ampliadas, assim como o número de associados. Lembramos, mais uma vez, que não há registros de matemáticos paranaenses fora de Curitiba, ou seja, até a década de 1970, com a criação das universidades estaduais, a Matemática do Paraná foi exclusivamente ‘curitibana’.

Quanto ao acervo bibliográfico da Sociedade, constatamos que este era bastante extenso. Em quase todas as reuniões de Diretoria dessa época dava-se ciência quanto a esse acervo. Infelizmente muita coisa, para não dizer a maior parte dele, se perdeu, principalmente, como veremos, durante a transferência de foro da cidade de Curitiba para a cidade de Maringá.

Por outro lado, quanto à parte ‘administrativa’; verificamos a posse de vinte e quatro diretorias eleitas desde sua fundação. A composição de todas as Diretorias com seus respectivos períodos e membros eleitos encontra-se no Anexo 3.

Apresentamos, a seguir, uma síntese dos principais assuntos tratados nas reuniões desde sua fundação até a transferência de foro. Essa descrição, apesar de um pouco longa, da página 88 até a página 111, apresenta fatos que foram fundamentais para a escolha da periodização desse trabalho, como, por exemplo, as mudanças na composição da diretoria na nos finais da década de 1960. Também optamos por transcrever todas as reuniões, pois entendemos que esse trabalho possa servir como fonte de pesquisa a outros estudos sobre a SPM que tenham como referência uma outra periodização.

1ª reunião: 09/11/1953

- Estabelecimento das metas para a SPM
- Professor Rémy Freire propõe a abertura de um concurso de trabalhos originais em matemática para alunos que não tinham formação superior completa (Anexo 5)

Comentário: Percebemos a preocupação da Sociedade com o bom desenvolvimento da Matemática no Estado, bem como para com o ensino superior e secundário.

2ª reunião: 23/11/1953

- As atividades da SPM estavam sendo divulgadas pelos seguintes jornais da época: “O Dia”, “Estado do Paraná” e “Gazeta do Povo” (Anexo 6)
- Proposta a divulgação do concurso sugerido pelo professor Rémy Freire, visto que esse era aberto a todos os estudantes do Estado

3ª reunião: 30/11/1953

- Sugerido um curso de assuntos matemáticos para fevereiro de 1954 por um professor da Universidade de São Paulo

Comentário: Notamos que a Sociedade tinha a preocupação com sua divulgação enquanto entidade, ou ainda a necessidade de abertura, de manter contato com matemáticos de fora do Estado.

4ª reunião: 02/01/1954

- Aprovada a divulgação da Sociedade para os seguintes órgãos: Conselho Nacional de Pesquisas, Sociedade Matemática de São Paulo e Centro de Cooperação Científica da Unesco para a América Latina

5ª reunião: 13/03/1954

- Aprovada a divulgação de congressos e palestras de matemática (Anexo 6)
- Aprovados os “Seminários de Matemática” a serem iniciados em 03/04/1954 na Universidade do Paraná

6ª reunião: 20/03/1954

- Aprovada a divulgação das atividades da Sociedade para o corrente ano, a saber:
 - a) curso de “Teoria das Matrizes”- prof. Rémy Freire – maio/54
 - b) curso de “Teoria da Medida”- prof. Ulysses Carneiro – setembro/54
- Aprovado o distintivo da SPM, de autoria do prof. Leo Barsotti

7ª reunião: 27/05/1954

- Ciência quanto ao sucesso do curso “Teoria das Matrizes”
- Solicitação de viagem de dois membros da Diretoria para o 2º Simpósio de Matemática em Mendonza
- Solicitação de bolsas de estudos para alunos e professores da Universidade do Paraná ao Conselho Nacional de Pesquisas (Anexo 9)

8ª reunião: 05/08/1954

- Ciência quanto ao sucesso dos cursos proferidos pelo professor Elon Lages Lima na Universidade do Paraná (Anexo 10)
- Ciência quanto ao interesse de um professor da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa em fundar uma seção da Sociedade (Anexo 11)

Comentário: Somente nessa reunião há menção sobre um professor do interior do Paraná, ou seja, fora da cidade de Curitiba, interessado em atividades conjuntas com a SPM.

9ª reunião: 30/10/1954

- Divulgação de obras enviadas pelo professor Leopoldo Nachbin
- Os professores Leo Barsotti e Ulysses Carneiro são contemplados com bolsas de estudos para manter contatos com o IMPA
- Sugestão de publicação de Anuário contendo parte administrativa e parte científica
- Ciência quanto ao número de participantes do concurso (mencionado acima): um candidato
- Publicações da SPM:
 - a) “Álgebra Abstrata” de Leopoldo Nachbin
 - b) Tradução do livro “Theory of Functions” de Richard Courant por Leo Barsotti
- O professor Adriano Gustavo Robine ofertou à SPM um exemplar dos “Elementos de Euclides”, impresso em 1720

- São efetivados como sócios-correspondentes: Elon Lages Lima, Leopoldo Nachbin e Luiz Gonzaga Lapa

Comentário: Inicialmente observamos que o acervo da SPM está crescendo, principalmente com obras raras e importantes para estudos matemáticos. Infelizmente essas obras não fazem mais parte do acervo da Sociedade.

Por outro lado, percebemos também que o interesse pela matemática, por parte dos alunos paranaenses, é restrito, visto que o concurso foi divulgado pelos principais jornais da época e apenas um candidato participou.

E também verificamos interesse da SPM em estar em contato permanente com matemáticos do IMPA, o que, sem dúvida, traria contribuições à Matemática em nosso Estado.

10ª reunião: 18/12/1954

- Professor Rémy Freire propõe que a SPM ofereça um curso de preparação para os vestibulares das Escolas Superiores

Comentário: Observamos uma proposta inovadora em nosso Estado. Entretanto, não encontramos registros que o referido curso tenha ocorrido.

11ª reunião: 12/01/1955

- Informes

12ª reunião: 14/02/1955

- Informes de manter intercâmbio com o IMPA

13ª reunião: 09/04/1955

- Renúncia do prof. Dyonil Ruben Carneiro Bond do cargo de tesoureiro da SPM, e indicação para o cargo o prof. Jayme Machado Cardoso
- Ciência de que a bolsa de estudos solicitada pelo sr. Knesebeck, único candidato do concurso, foi concedida

14ª reunião: 12/11/1955

- Proposta dos cursos de extensão:
 - a) “Topologia Geral”; e
 - b) “Teoria dos Grupos”. A serem ministrados pela prof.^a Maria Laura Mousinho (Anexo 12)
- *“Por motivo de mudança de residência de Curitiba para Santiago (Chile) e Philadelphia (U.S.A.) foram transferidos para a categoria de sócio correspondente os senhores Rémy Freire e Jhon Kudar”*

Comentário: Destacamos que não há registros algum, nem nessa e nem em outras reuniões, sobre a saída do professor Rémy Freire da Universidade Federal do Paraná. Consideramos lamentável que a SPM não tenha feito documento algum de agradecimento quanto às contribuições desse importante membro e idealizador da SPM.

15ª reunião: 07/02/1956

- Informes

16ª reunião: 03/03/1956

- Programação cultural do presente ano:
 - a) “Cálculo Homográfico”
 - b) “Teoria Geral dos Campos e Aplicações
- *“A Sociedade poderá realizar, ainda neste ano, atividades culturais de outro gênero”*

17ª reunião: 28/06/1956

- Registro dos novos estatutos da Sociedade

18ª reunião: 31/07/1956

- Aprovação da criação de Estudos Dirigidos sobre “Álgebra Moderna” e “Topologia” a cargo dos professores Jayme Cardoso e Newton da Costa

19ª reunião: 18/08/1956

- O Deputado Federal Luiz Carlos Pereira Tourinho conseguiu averbar no orçamento da União um auxílio financeiro à Sociedade Paranaense de Matemática
- Publicação das notas “Elementos da Cálculo Homográfico” organizadas pelo professor Nelson de Luca com base no curso de extensão universitária realizado pelo professor Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas

20ª reunião: 25/08/1956

- Discussão a respeito da publicação do livro “Elementos de Cálculo Homográfico”: preço, quantidade, distribuição etc.

21ª reunião: 13/10/1956

- Aprovar a designação de um procurador da Sociedade, no Rio de Janeiro, professor Firmino Bonato, para tratar do registro da SPM no Serviço Social do Ministério de Educação e Cultura, para efeito de recebimento de subvenções da União

22ª reunião: 24/12/1956

- Aprovação do “prólogo” do tradutor da obra “Introdução à Teoria das Funções”, a ser publicada pela SPM
- Aprovação de voto de agradecimento ao Deputado Estadual João Xavier Viana

23ª reunião: 20/01/1957

- Aprovação de carta de agradecimento ao Governador pela sanção da Lei n° 3020, de 07 de janeiro de 1957, que concede à SPM um auxílio de duzentos mil cruzeiros

24ª reunião: 29/03/1957

- Aprovação para o corrente ano de um “Curso sobre Equações Diferenciais no Campo Real”, sugerido pelo professor Leo Barsotti.
- Aceitação do pedido de demissão do professor Jayme Cardoso do cargo de Diretor Cultural da SPM, por motivo de seu afastamento de Curitiba
- Indicação do professor Newton da Costa para exercer o cargo de Diretor Cultural

25ª reunião: 05/06/1957

- Várias deliberações:
 - verba concedida à SPM
 - empossar Diretor
 - enviar exemplar de livro para a Universidade de Buenos Ayres, publicado pela SPM
 - compra de vários materiais
 - organizar e registrar (entrada e saída) dos livros da Sociedade
 - organizar as correspondências enviadas e recebidas em livro próprio,
 - organizar livro de entidades culturais que a SPM mantém permuta de publicações

26ª reunião: 07/08/1957

- Aprovação de remessa de materiais
- “Solicitar a Egrégia Câmara Municipal de Curitiba o reconhecimento desta Sociedade como utilidade pública, e a doação de um terreno para a mesma Sociedade, destinado a construção de sua sede própria”
- Doação da obra “Dictionnaire ...” publicada em 1836 por A. J. Dénaix

27ª reunião: 12/11/1957

- Solicitação de instalações, no novo edifício da Reitoria, para a SPM
- Considerar sem efeito a deliberação da reunião anterior sobre a solicitação à Câmara Municipal de Curitiba
- Indicação e aprovação de sócios

28ª reunião: 26/12/1957

- Ciência de que a SPM foi registrada, por intermédio do professor Jayme Machado Cardoso, no Serviço de Permuta Internacional da Biblioteca Nacional

29ª reunião: 31/12/1957

- Apreciação das contas da Diretoria

30ª reunião: 06/03/1958

- Ciência do recebimento de várias obras de Matemática pela SPM
- Tomar conhecimento do convite ao professor Newton Costa para organizar o Centro de Ensino e Pesquisas de Matemática, filiado ao Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná, devendo funcionar a partir do corrente ano

31ª reunião: 02/04/1958

- Ciência de correspondências e doações de professores e entidades à SPM
- Proposta dos cursos de extensão: Introdução à Teoria da Medida e à Integral de Lebesgue” e “Geometria Diferencial Clássica” pelos professores Leo Barsotti e Jayme Cardoso, respectivamente
- Fixação de preços de livros
- Publicação do Anuário nº4, referente ao ano de 1957
- Indicação para o futuro de um “Boletim da Sociedade Paranaense de Matemática”

32ª reunião: 10/05/1958

- Ciência de correspondências e doações de professores e entidades à SPM

33ª reunião: 28/06/1958

- Ciência de correspondências e doações de professores e entidades à SPM
- Proposta do curso “Teoria dos Conjuntos” pelo Professor Newton da Costa

Comentário: Observamos algo estranho nessa reunião, pois o professor Jayme Cardoso votou contrariamente à comunicação aos sócios da SPM sobre os cursos que o Centro de Ensino e Pesquisas de Matemática e Estatística do Instituto de Pesquisas estava a ofertar.

34ª reunião: 28/08/1958

- O Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná cede uma sala para servir de sede da SPM
- Ciência de correspondências e doações de livros e revistas à SPM

35ª reunião: 06/12/1958

- Aprovação da constituição de um comitê de redação para o “Anuário” da SPM
- Aprovação de um Editor, professor Nelson Trevisan, para o “Boletim da Sociedade Paranaense de Matemática”

36ª reunião: 24/12/1958

- Aprovação de balancete

37ª reunião: 07/03/1959

- Apresentação da lista de doações bibliográficas feitas para a Sociedade durante o ano de 1958

38ª reunião: 20/04/1959

- Apresentação da lista de doações bibliográficas de 07/03/59 até a presente data
- Ciência do veto do Prefeito de Curitiba ao projeto do vereador Máximo Pinheiro Lima
- A Diretoria autoriza o professor Newton da Costa a traduzir a apostila de H. Spanier, que foi temporariamente cedida à SPM pelo professor Leopoldo Nachbin.

39ª reunião: 20/06/1959

- Apresentação da lista dos livros e revistas recebidas por meio de doações
- O professor Leo Barsotti faz doação à SPM de 51 exemplares de sua obra “Exercícios da Cálculo Infinitesimal”
- Dois Professores da Diretoria da SPM são autorizados a representar a Sociedade no 2º Colóquio Brasileiro de Matemática

40ª reunião: 24/09/1959

- Apresentação da lista de doações de livros e revistas
- Professor Jayme Cardoso ficou encarregado da tradução do livro “Modern Higher Álgebra Galois Theory” para futura publicação da Sociedade

41ª reunião: 14/12/1959

- Apresentação da lista de doações de livros e revistas à SPM

42ª reunião: 14/01/1960

- O Diretor do Instituto de Matemática da Universidade do Paraná solicita a indicação de um representante da Sociedade no Conselho Deliberativo do Instituto
- Participação da Sociedade no concurso “seu talão vale um milhão”
- Indicação da professora Ayda Ignez Arruda para editora do “Boletim da Sociedade Paranaense de Matemática”

43ª reunião: 24/05/1960

- Apresentação da lista de doações bibliográficas feitas durante o ano de 1960

44ª reunião: 16/08/1960

- Apresentação da lista de doações
- Sub-secretário da Sociedade apresentou sugestão no sentido de que a SPM deveria programar uma atividade que resultasse em um maior interesse da sociedade paranaense pela Matemática (A Diretoria ficou de estudar o assunto)

45ª reunião: 22/12/1960

- CNPq indefere o pedido de auxílio à SPM, e a Diretoria decidiu dirigir-se diretamente ao Presidente daquele órgão para saber os motivos

46ª reunião: 30/06/1961

- Apresentação da lista de doações
- O Instituto de Matemática da Universidade Federal do Paraná resolveu financiar o “Boletim da SPM” no ano de 1961 e colaborar com a Sociedade na publicação de uma revista destinada a publicar artigos de divulgação

47ª reunião: 11/12/1961

- Apresentação da lista de doações bibliográficas

48ª reunião: 28/02/1962

- Aprovação de contas

49ª reunião: 24/12/1962

- Professor Jayme Cardoso propõe a suspensão temporária das publicações da Sociedade Paranaense de Matemática: o Anuário e o Boletim. Foi aprovada a suspensão do Anuário

50ª reunião: 05/12/1963

- Aquisição dos fascículos nº1 a 4 do vol. nº1 da revista *Lietures Fizikos Rinkings* (de 1961)

51ª reunião: 30/12/1963

- Aprovação de Relatório e contas referentes ao ano de 1963

52ª reunião: 04/01/1964

- Foi escolhido o professor Newton da Costa para representante da SPM no Conselho Deliberativo do Instituto de Matemática da Universidade do Paraná

53ª reunião: 18/03/1964

- Ciência do recebimento de verbas da União

54ª reunião: 25/06/1964

- Apresentação da relação das doações bibliográficas

55ª reunião: 30/11/1964

- Aprovação de trocas de livros da SPM com outras entidades

56ª reunião: 18/02/1965

- Ciência sobre a aquisição da coleção da revista *Fundamenta Mathematica*.
- Aprovação de assinatura de revista científica

57ª reunião: 04/05/1965

- Ciência sobre a aquisição de livros e revistas estrangeiras
- Aprovação de solicitação de empréstimo em banco para a SPM

58ª reunião: 22/06/1965

- Apresentação da lista de doações

59ª reunião: 29/07/1965

- Aprovação de novos sócios

60ª reunião: 05/10/1965

- Aprovação de novos sócios

61ª reunião: 12/02/1966

- Fixação de calendário de eleição da Diretoria
- Aprovação de novos sócios

62ª reunião: 04/03/1966

- Aprovação de Relatório e contas da Diretoria referentes ao ano de 1965

63ª reunião: 14/10/1966

- Todos os membros da Diretoria, exceto o professor Leo Barsotti, pedem demissão (por motivos particulares)
- É marcada uma data para eleição de nova Diretoria

64ª reunião: 28/02/1967

- Ciência sobre doação de pequena verba do CNPq para a Sociedade
- Professor Jayme Cardoso assume a Presidência da Sociedade
- Professor Leo Barsotti não assume cargo algum na Diretoria
- Aprovação da possibilidade da SPM programar atividades culturais

65ª reunião: 29/06/1967

- Aprovação de novos sócios

66ª reunião: 12/12/1967

- Fixação de data para Assembléia da SPM

67ª reunião: 14/12/1968

- Aprovação da contas da Sociedade referentes ao ano de 1968

68ª reunião: 16/12/1971

- Fixação de data para Assembléia da SPM

Comentário: Observamos um intervalo de três anos sem reuniões da Diretoria.

69ª reunião: 13/07/1972

- Aprovação de sócio

70ª reunião: 13/12/1972

- Fixação de data para Assembléia da SPM

71ª reunião: 19/12/1973

- Fixação da data para Assembléia da SPM

72ª reunião: 02/01/1974

- Aprovação das contas da Diretoria referentes ao ano de 1973

73ª reunião: 23/12/1974

- Aprovação do Relatório da Diretoria referente ao ano de 1974

74ª reunião: 12/12/1975

- Fixação de data para Assembléia da Sociedade

75ª reunião: 27/12/1976

- Aprovação do relatório da Diretoria referente ao ano de 1975

76ª reunião: 14/12/1977

- Aprovação de sócio (nº186): professor Clóvis Pereira da Silva
- Fixação de data para Assembléia da SPM

77ª reunião: 22/06/1979

- Aprovação de sócios

78ª reunião: 16/ 11/1979

- Proposta e aprovação da realização de um concurso de nível estadual, em julho de 1980, para alunos de nível médio, para futuramente concorrerem em âmbito nacional, em copatriocínio com a Sociedade Brasileira de Matemática e a Secretaria de Educação do Estado do Paraná
- Proposta de publicação periódica, com problemas e questões, para alunos dos cursos de 2º grau, bem como com artigos de divulgação matemática para professores de nível médio

79ª reunião: 12/12/1979

- Aprovação de novos sócios
- Indicação de comissão de sócios para organizar a Olimpíada de Matemática do Paraná
- Aprovação da 2ª série do periódico da Sociedade: “Boletim da SPM”
- Fixação de data para Assembléia da SPM

80ª reunião: 20/06/1980

- Aprovação de novos sócios (Até esta data são 198)
- Alteração da constituição da Comissão Organizadora da 1ª Olimpíada Estadual de Matemática (professor Celso Carnieri se retirou da Comissão)
- Professor Aurélio Sartorelli pede substituição no Comitê de Redação do Boletim da Sociedade Paranaense de Matemática
- Aprovação do curso de extensão sobre “Cônicas” a ser ministrado pelo professor Jayme Cardoso
- Aprovação de um ciclo de conferências de Matemática por professores residentes em Curitiba
- O Banco do Estado do Paraná doou uma verba para destinar a um dos prêmios da 1ª Olimpíada Estadual de Matemática
- Aprovação de sócio

Comentário: Observamos que a partir de 1978 (13ª Diretoria eleita, Anexo3), onde o professor Clóvis Pereira da Silva assume, pela primeira vez, um cargo na Diretoria como Vice-Presidente, começam a surgir novas propostas de atividades para a SPM, conforme podemos constatar na decisões das reuniões da Diretoria. Especificamente a partir da 78ª reunião inicia-se uma nova fase da Sociedade.

81ª reunião: 29/09/1980

- Apresentação da relação dos sócios efetivos que se tornaram remidos
- Aprovação de novos sócios (Até a presente data são 209)
- Professor Jayme Machado Cardoso solicita demissão do Comitê de Redação do Boletim da SPM

82ª reunião: 05/12/1980

- Aprovação de sócios (Até a presente data são 212)
- Aprovação da realização da 2ª Olimpíada Estadual de Matemática e 1ª Olimpíada Regional da Matemática para alunos do 2º grau dos Estados do Paraná e Santa Catarina

83ª reunião: 06/03/1981

- Aprovação de novos sócios (Total de 218 até a presente data)
- Aprovação da realização do I Encontro de Matemática no Paraná de 06 a 09 de Julho de 1980
- Aprovação do curso de extensão “Estruturas Ordenadas” a ser ministrado pelo professor Jayme Cardoso
- Ciência das verbas concedidas à SPM:
 - Fundepar – para impressão do nº1 do volume 2 do Boletim da SPM
 - CNPq – para realização da 1ª Olimpíada Regional de Matemática Paraná e Santa Catarina; e 2ª Olimpíada Estadual de Matemática para alunos do 2º grau

84ª reunião: 15/05/1981

- Aprovação de novos sócios (Total de 229 até o momento)

85ª reunião: 03/08/1981

- Aprovação de novos sócios (Total: 251)
- Criação de uma Comissão de Ensino para elaborar um programa de Matemática para o ensino do 2º grau e que, oportunamente, será sugerido aos órgãos competentes do Estado do Paraná
- Aprovação de um curso de verão, promovido pela SPM, para atualização de professores do ensino de 1º e 2º graus

86ª reunião: 15/09/1981

- Aprovação de novos sócios (Total: 253)

87ª reunião: 23/03/1982

- Aprovação do relatório e das contas da Diretoria referentes ao ano de 1981
- Ciência do auxílio recebido do CNPq para a realização da 3ª Olimpíada Estadual de Matemática para alunos do 2º grau

88ª reunião: 27/03/1982

- Aprovação de sócios beneméritos
- Constituição de comissão da Olimpíada da Matemática

89ª reunião: 01/05/1982

- Solicitação de demissão do cargo de Tesoureiro da SPM, pelo professor Jayme Cardoso
- Aprovação de novos sócios (Total: 333)
- Ciência de doação de verba por deputado à SPM
- Proposta de realização de conferências mensais

90ª reunião: 02/10/1982

- Aprovação de novos sócios (Total: 342)
- Ciência: “O Presidente da SPM está, juntamente com as autoridades competentes, buscando o reconhecimento da Sociedade Paranaense de Matemática como órgão de utilidade pública federal”

91ª reunião: 13/11/1982

- Aprovação de novos sócios (Total: 344)

92ª reunião: 26/03/1983

- Aprovação de novos sócios (Total: 348)
- Proposta, do professor Jayme Cardoso, da SPM promover conferências

93ª reunião: 07/05/1983

- Aprovação de novos sócios (Total: 407)
- Proposta de a Sociedade promover o Seminário de Introdução à Lógica; seminário este solicitado por alguns alunos e sócios da SPM

94ª reunião: 13/08/1983

- Aprovação de novos sócios (Total: 409)
- Proposta de reformulação do Comitê de Redação do Boletim da SPM a iniciar seu funcionamento a partir de 1984:
 - Álgebra e Educação Matemática (Responsável: professor Aurélio Sartorelli)
 - Geometria e Fundamentos de Geometria (Responsável: professor Haroldo C. A. da Costa)
 - História da Matemática e Teoria dos Números e problemas (Responsável: professor Jayme Machado Cardoso)
 - Análise (Responsável: professor Josef K. H. Dortman)
 - Pesquisa Operacional (Responsável: professor Celso Carnieri)
 - Física-Matemática (Responsável: professor Edson A. Stedile)
- Ficou aprovado ainda, que a escolha do consultor fica a cargo do Presidente da SPM, e que caberá ao Editor a responsabilidade pelo Noticiário e pelas publicações recentes distribuindo às pessoas capazes os livros que chegarem à SPM

95ª reunião: 17/08/1983

- Renúncia do Vice-Presidente da Sociedade
- O professor Jayme Cardoso é indicado para Secretário Geral

96ª reunião: 03/12/1983

- Aprovação de novos sócios (Totalizando, pela Ata, 409 sócios)
- Proposta de criação de nova capa para o Boletim da SPM, bem como uma nova publicação da Sociedade com o título de “Informes da SPM”, que será publicado nos meses de março e setembro de cada ano
- Professor Jayme Cardoso propõe a oferta de um curso de extensão, a ser ministrado por ele, para o 1º semestre de 1984 com o título “Cônicas”

97ª reunião: 22/03/1984

- Aprovação do Relatório e contas da Diretoria referentes ao ano de 1984
- Aprovação de sócios (Total: 413)
- O Provopar deu uma subvenção social à Sociedade Paranaense de Matemática

98ª reunião: 31/03/1984

- Aprovação da Comissão da V Olimpíada Estadual de Matemática de 1984
- Aprovação de novos sócios (Total: 417)
- Não foi aprovada pela Diretoria a realização de um curso de extensão a ser ministrado pelos professores Ana Maria N. de Oliveira, Alvino Moser e Décio Krause, com o título: “Tópicos para o Ensino da Matemática”

99ª reunião: 05/05/1984

- Aprovação de novos sócios (Total: 422)
- Aprovação da publicação de monografias uma vez por ano, juntando dois ou mais trabalhos
- Aprovação de realização de atividades para a comemoração dos 31 anos da SPM em outubro de 1984
- Não foi aprovado dar como prêmio uma bolsa de estudos de 2º grau para os 1º e 2º colocados na Olimpíada Estadual de Matemática

100ª reunião: 17/08/1984

- Aprovação de novos sócios (Total: 428)
- Aprovação da Programação do II Encontro Paranaense de Matemática que se realizará em 29/10/1984 em comemoração aos 31 anos de fundação da SPM
- Ciência da doação de verba por deputado estadual

101ª reunião: 10/10/1984

- Aprovação de novos sócios (Total: 438)

102ª reunião: 16/11/1984

- Aprovação de novos sócios (Total: 451)

103ª reunião: 19/12/1984

- Aprovação de novos sócios (Total: 459)
- Aprovação do Relatório e contas da Diretoria referentes ao ano de 1984

104ª reunião: 15/03/1985

- Aprovação de novos sócios (Total: 462)
- Aprovada a proposta de reimpressão dos Estatutos da SPM

105ª reunião: 17/05/1985

- Aceitação de um acordo de reciprocidade com a *American Mathematical Society* fixando a anuidade em oito dólares
- Diretor cultural renuncia ao cargo
- Decidiu-se solicitar doações aos sócios devido às dificuldades financeiras da SPM
- Aprovação de novos sócios (Total: 466)

106ª reunião: 14/06/1985

- Tesoureiro renuncia ao cargo e o professor Jayme Cardoso assume o cargo
- Aprovação de novos sócios (Total: 482)

107ª reunião: 14/08/1985

- Aprovação de novos sócios (Total: 499)
- Aprovação da realização de palestras e debates sobre o Ensino e o Livro Didático de Matemática de 1º e 2º graus para comemoração dos 32 anos de fundação da SPM em Outubro
- Aprovação de sócio como o 1º colocado na Olimpíada de Matemática

108ª reunião: 02 /10/1985

- Aprovação de novos sócios (Total: 504)

109ª reunião: 13/11/1985

- Aprovação de novos sócios (Total: 519)

110ª reunião: 17/12/1985

- Aprovação de novos sócios (Total: 521)
- Aprovação do Relatório e contas da Diretoria referentes ao ano de 1985

111ª reunião: 11/03/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 523)
- Fixada a data da 7ª Olimpíada Estadual de Matemática

112ª reunião: 15/04/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 542)

113ª reunião: 12/06/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 553)

114ª reunião: 08/07/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 556)

115ª reunião: 12/08/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 570)

116ª reunião: 25/09/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 577)
- Discussão acerca da organização do IV Encontro de Matemática do Paraná

117ª reunião: 13/11/1986

- Aprovação de novos sócios (Total: 605)
- Substituição do cargo de Secretária Geral da Diretoria da SPM
- Avaliação do IV Encontro de Matemática do Paraná
- Aprovada a remuneração para a comissão editorial do Boletim da SPM e para os membros da comissão que irá organizar o 5º Encontro de Matemática no Paraná

118ª reunião: 04/02/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 612)
- O professor Adonai S. Sant'Anna solicita demissão do cargo de Diretor Cultural
- A SPM, em acordo com a UFPR, propõe a realização de um Curso de Especialização em Matemática com carga horária de 360 horas

119ª reunião: 24/02/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 615)

120ª reunião: 15/04/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 622)
- Diretor Cultural da Sociedade solicita demissão

121ª reunião: 28/05/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 628)

122ª reunião: 14/07/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 646)
- Aprovação de mais um sócio institucional: Associação Comercial do Paraná

123ª reunião: 26/08/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 660)
- Aprovado acordo de reciprocidade com a Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC)
- Decisão: “Caso a Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) concorde, o 2º Simpósio Nacional de História da Ciência será realizado em conjunto com o 6º Encontro de Matemática do Paraná”

124ª reunião: 16/10/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 677)
- Aprovado o protocolo de cooperação entre a SBMAC e a SPM

125ª reunião: 13/11/1987

- Aprovação de novos sócios (Total: 699)

126ª reunião: 15/12/1987

- Aprovação do Relatório da Diretoria e o balancete da Tesouraria referentes ao ano de 1987
- A SBHC decidiu realizar em Curitiba, em Outubro de 1988, em conjunto com a SPM , o 2º Seminário Nacional sobre História da Ciência e Tecnologia

127ª reunião: 29/02/1988

- Aprovação de novos sócios (Total: 703)

128ª reunião: 12/05/1988

- Aprovação de novos sócios (Total: 711)

129ª reunião: 20/07/1988

- Aprovação de novos sócios (Total: 712)

130ª reunião: 29/07/1988

- Aprovação o protocolo de cooperação entre a SPM e a SBEM

131ª reunião: 01/09/1988

- Aprovação de novos sócios (Total: 713)
- Aprovado que cada participante do 6º Encontro de Matemática do Paraná e 2º Seminário Nacional sobre História da Ciência e Tecnologia receberá um exemplar de Algèbre Homologique de Jean P. Lafon

132ª reunião: 08/11/1988

- Aprovação de novos sócios (Total: 720)
- Aprovado que o Encontro de Matemática do Paraná seja realizado a cada dois anos
- Substituição do Tesoureiro da SPM
- Exoneração do secretário da SPM

133ª reunião: 24/02/1989

- Aprovação de novos sócios (Total: 738)

134ª reunião: 28/04/1989

- Aprovação de novos sócios (Total: 740)

135ª reunião: 19/05/1989

- Aprovação de novos sócios (Total: 743)

136ª reunião: 29/09/1989

- Aprovação de novos sócios (Total: 749)
- Nomeação de Tesoureiro em virtude do pedido de demissão do cargo pelo professor Adonai S. Sant'Anna

137ª reunião: 23/11/1989

- Aprovação de novo sócio (Total: 750)

138ª reunião: 29/03/1990

- Aprovação de novo sócio (Total: 751)
- Aprovação do Relatório e balancete da Diretoria referente ao ano de 1989.

139ª reunião: 25/04/1990

- Aprovação de novo sócio (Total: 752)
- Aprovação de datas para a realização da Olimpíada Paranaense de Matemática e também do 7º Encontro de Matemática no Paraná

140ª reunião: 09/05/1990

- Aprovação de novo sócio (Total: 753)

141ª reunião: 04/07/1990

- Aprovação de novos sócios (Total: 757)
- Decisão: “Foi aprovada a venda de livros do antigo Instituto de Matemática: “Algèbre Homologique” e “Fundamentals of Banach Álgebras” com o objetivo de desocupar espaço”

142ª reunião: 12/09/1990

- Aprovação de novos sócios (Total: 761)

143ª reunião: 06/12/1990

- Ciência da não realização do 7º Encontro de Matemática por falta de apoio financeiro

144ª reunião: 14/05/1991

- Aprovação de novos sócios (Total: 790)
- Ciência: “Durante a 5ª Reunião Regional Sul da SBM, realizada de 02 a 04 de maio, o professor Elon Lages Lima sugeriu que no futuro sejam realizadas reuniões conjuntas entre as duas Sociedades”

145ª reunião: 19/08/1991

- Aprovação de novos sócios (Total: 795)

146ª reunião: 15/04/1992

- Aprovação de novos sócios (Total: 797)
- Aprovado o balancete da Diretoria referente ao ano de 1991
- Aprovado o convênio com a UFPR relativo à colocação da disposição da Biblioteca do Setor de Ciências Exatas, coleções de periódicos especificadas em convênio próprio
- Aprovado o Curso de Especialização em História da Ciência, sendo nomeada uma comissão para o planejamento (Esse curso posteriormente será oficializado em convênio com a UFPR).
- Aprovada a indicação do professor Décio Krause para vice-coordenador do Curso de Especialização de Matemática Aplicada

147ª reunião: 18/05/1992

- Aprovação de novos sócios (Total: 802)
- Ciência do lançamento do v.11, nº 2 de 1990

148ª reunião: 10/06/1992

- Aprovação de novos sócios (Total: 808)
- Aprovou-se que não serão enviadas publicações para sócios remidos em função do custo das mesmas

- Discussão de novas normas para autores de trabalhos a serem submetidos ao Boletim

149ª reunião: 30/10/1992

- Tratou-se do convênio entre a SPM e o Departamento de matemática da UFPR a fim de que o Departamento forneça o papel para impressão dos volumes dos Boletins da SPM. A Diretoria aprovou o convênio, ficando, contudo, sob responsabilidade exclusiva da SPM a escolha dos professores para a constituição da Comissão Editorial, bem como do corpo de “referees” para o Boletim

150ª reunião: 05/03/1993

- Aprovação de novo sócio (Total: 809)
- Aprovado o apoio da SPM ao grupo de pesquisa em História da Matemática da UFPR

151ª reunião: 06/07/1993

- Aprovação de novos sócios (Total: 812)

152ª reunião: 01/10/1993

- Aprovação de novos sócios (Total: 814)

153ª reunião: 18/02/1994

- Fixação de anuidades

154ª reunião: 18/04/1994

- Aprovação de novos sócios (Total: 818)

155ª reunião: 02/08/1994

- Aprovação de novos sócios (Total: 823)

156ª reunião: 18/10/1994

- Aprovação de novo sócio (Total: 824)

Essas foram as principais deliberações da Diretoria da SPM, desde sua fundação até a transferência do seu foro da cidade de Curitiba para a cidade de Maringá ocorrida em 23 de maio de 2002.

Como não era nosso objetivo neste trabalho fazer uma análise da SPM desde sua fundação, e sim tentar identificar elementos que nos permitissem estabelecer uma periodização, relatamos brevemente suas atividades. De posse dessas informações, optamos por descrever a SPM desde o seu período inicial até o final da década de 1960, onde constatamos algumas mudanças, principalmente com relação ao grupo de sócios que sempre estavam presentes na Diretoria da Sociedade. Foi a leitura dessas atas que fundamentou nossa escolha para a periodização deste trabalho. Por outro lado, optamos por descrever todas as reuniões registradas, entendendo que essas informações possam servir de auxílio a trabalhos futuros.

Em tempo: observamos que o número de sócios desde a fundação da SPM até sua transferência de foro totalizou 824 filiados. Isso não significa que na época de sua mudança de foro todos esses sócios estavam com sua filiação regularizada. Em razão disso, foi feita uma consulta na época da transferência do foro e uma nova relação de sócios passou a ser vigorada. As informações que obtivemos, por meio da secretária atual da SPM, é que no momento a entidade conta com 46 sócios efetivos regularizados, ou seja, com as anuidades em dia.

Fontes orais

“A Vida não é a que uma pessoa viveu, mas sim a que ela recorda e como a recorda para contá-la.”
Gabriel Garcia Marques

“A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da História’ e, desta forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado.”
Verena Alberti

Nossa experiência com os primeiros depoimentos, a leitura dos documentos, a reflexão sobre as abordagens teóricas provocavam ressonância sobre nossas inquietações iniciais fazendo com que algumas fossem acentuadas, outras esmaecidas... e esse processo pode ser descrito como uma participação ativa dos nossos colaboradores na construção do objeto de nossa investigação.

Segundo Maria Manuela Cruzeiro¹⁵, a História é feita por homens. De um lado está quem a faz e quem a estuda, que são homens e mulheres com sentimentos, emoções, vivências. Assim, para esta autora, o maior fascínio da História (que a torna única) é que o seu objetivo é a própria vida total do homem.

Por outro lado, a História é tão complexa e rica que são diversas as estratégias e os caminhos que a revelam ou escondem. Entre esses caminhos está a HISTÓRIA ORAL (HO), crescentemente utilizada na história contemporânea. Para Cruzeiro (1996), ela pode apresentar certas dificuldades, como:

- elevado grau de subjetividade do testemunho na primeira pessoa;
- confronto permanente do investigador com a dificuldade em discernir o verdadeiro do falso, o essencial do acessório.

Entretanto, há outro aspecto que lhe pode ampliar o valor: a lembrança do pormenor, a impressão subjetiva como dados caracteristicamente humanos encontram-se aqui em doses muito maiores do que em qualquer outra fonte, suscitando uma impressão de vida e de totalidade que é muito sedutora e útil.

¹⁵ Em “*História Oral: os riscos conscientes - ou vale a pena arriscar*” (<http://www.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=artigohistoriaoral>)

Daí a ampliação de nossa perspectiva com a inclusão da história oral. Por outro lado, verificamos que essa opção, dentro da história, ainda gera conflitos mesmo entre os historiadores com relação ao que deveria ser considerado relevante.

Embora utilizada desde a Antigüidade, segundo Cruzeiro (1996), a Oralidade enquanto método de investigação histórica só é recuperada na década de 1920 com os historiadores dos *Annales*, embora se afirme que desde que a História se constitui como disciplina acadêmica, no Séc. XVIII, a oralidade foi relegada para segundo plano em relação à escrita. Juntamente com a escola, a escrita é a instituição de dominação por excelência da burguesia.

Ainda citando Cruzeiro (1996), a Historiografia Positivista reivindica a história como ciência, com base justamente no documento escrito, levantado como prova de objetividade.

De acordo com Jacques Le Goff (apud Cruzeiro, 1996), o termo documento vem do latim *documentum*, derivado de *docere*, que significa ensinar. Para os positivistas, o que o documento ensina é o fundamento ou a prova do fato histórico.

O conceito de documento opõe-se ao de *monumentum*, que provém do verbo *monere*, que significa fazer recordar, avisar, iluminar, instruir e é utilizado pelo poder não como documento objetivo, mas como intencionalidade. Daí que quando se utiliza “o documento” se pretenda uma inocência que ele não tem. Como explicam (apud Cruzeiro, 1996) Le Goff e M. Foucault, todo o documento é monumento enquanto se não apresenta a si mesmo, antes contém uma intencionalidade que é, pelo menos nacionalista, quando não imperialista.

“O Documento é monumento. É o resultado do esforço feito pelas sociedades históricas, para impor ao futuro – querendo-o ou não – aquela imagem de si mesma. Em definitivo não existe um documento-verdade. Todo ele é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo” (LE GOFF, apud CRUZEIRO, 1996).

A revolução historiográfica desencadeada pelos teóricos da Escola dos *Annales* impulsionou o desenvolvimento da HO como via privilegiada para a humanização da História, apesar dos contextos inibidores, quer de natureza política, quer acadêmica.

A Moderna História Oral surgirá na década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, com os sociólogos da Escola de Chicago, e a partir de então várias tendências se delinearam.

A primeira constituída por entrevistas com elites políticas (a História de cima) , e depois, com Paul Thompson, a história dos excluídos (A História de Baixo), A Voz do Passado.

Embora a segunda tenha surgido para contrabalançar a influência da primeira, ambas podem e devem estabelecer relações e interações na valorização dos diferentes e heterogêneos depoimentos, assim como na sistematização de novas áreas temáticas.

A história oral tratada por Alberti (apud Pinsky, 2005) foi escolhida como uma referência adicional aos trabalhos já desenvolvidos dentro da Educação Matemática, notadamente os do GHOEM¹⁶, liderado por Garnica, e em conjunto formariam a base para direcionar a metodologia de nossa investigação.

“Opondo-se à História positivista do século XIX, a História oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar a história dos humildes, dos primitivos, dos “sem História” (em oposição à história da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores)” (ALBERTI, apud PINSKY, 2005, pp.157,158).

A História Oral, como uma ramificação dentro da História, tem-se constituído fortemente como linha de pesquisa em Educação Matemática, cuja intenção é a de esboçar histórias a partir de depoimentos orais. Um dos líderes desses estudos no Brasil é Antonio Vicente Marafioti Garnica, o qual, no trabalho *“(Re) Traçando Trajetórias, (Re) Coletando Influências e Perspectivas: Uma Proposta em História Oral e Educação Matemática”* (2004), discute essa metodologia e propõe

“Como História Oral estamos entendendo a perspectiva de, face à impossibilidade de constituir ‘a’ história, (re)constituir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais nesse processo as memórias desses atores – via de regra negligenciados pelas abordagens sejam oficiais ou mais clássicas – sem desprestigiá-las, no entanto, os dados ‘oficiais’, sem negar a importância das fontes primárias, dos arquivos, dos monumentos, dos tantos registros possíveis, os quais consideramos uma outra versão, outra face dos ‘fatos’” (GARNICA, 2004; p.155).

Entendemos assim que as entrevistas serão fontes históricas tão importantes quanto as fontes documentais. Dessa forma, destacamos seu mérito e sua necessidade para esta investigação.

Para termos uma noção da importância das entrevistas realizadas nos trabalhos de História Oral dentro da Educação Matemática, com relação à história das instituições,

¹⁶ GHOEM: Grupo de História Oral em Educação Matemática.

elegemos três, o de Luzia Aparecida de Souza, o de Gilda Delgado de Souza (2005) e o de Heloisa da Silva (2006), que apresentam importantes contribuições, especialmente como referência à presente investigação.

O trabalho de Luzia de Souza apresenta-se como um estudo dos interesses e crenças que influenciaram na opção pela história oral na Educação Matemática. A autora evidenciou, por meio de uma busca na Plataforma Lattes do CNPq, que o único grupo que se dedicava a essa temática (História Oral na Educação Matemática) era o GHOEM, já mencionado anteriormente. Nesse sentido, entrevistou dez pesquisadores desse grupo que tiveram publicações ligadas a essa temática e evidenciou que:

“A história oral, de forma geral, tem sido utilizada nesses trabalhos enquanto uma metodologia de pesquisa qualitativa que reserva especial atenção para a constituição e disponibilidade integral de documentos a partir da oralidade. Os pesquisadores, membros do GHOEM, e entrevistados neste estudo, desenvolvem trabalhos com professores e pessoas ligadas a instituições e grupos em Educação Matemática, contribuindo para com a produção de conhecimentos nas áreas da Educação Matemática e da História da Educação Matemática” (SOUZA, disponível em <http://www.ime.usp.br/~sphem/documentos/sphem-tematicos-2.pdf>).

A pesquisa de Souza (2005) investiga as circunstâncias que teriam levado à constituição da instituição estatal paulista denominada Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP); instituição esta que, segundo a autora em outra investigação, constatou que, por intermédio da CENP, um grupo de professores alterou de forma expressiva conteúdos disciplinares, procedimentos e práticas sociais relativas à Educação Matemática Escolar no Estado de São Paulo e no Brasil.

Para realizar esse trabalho, Souza (2005) constituiu e analisou registros textuais de fontes orais na forma de depoimentos de professores que formaram a equipe de Matemática, como também dos coordenadores da instituição, além de outros tipos de fontes orais ou escritas.

Já o trabalho de Heloisa da Silva (2006) teve como objetivo analisar o processo de constituição da identidade do Centro de Educação Matemática (CEM), um grupo que atuou, sobretudo, nos anos de 1984 a 1997 na grande São Paulo e que se apresentava como “equipe prestadora de serviços de assessoria e consultoria especializada em Educação Matemática a escolas, Diretorias de Ensino, Secretarias de Educação e instituições especializadas como a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE da Secretaria de Educação do estado de São Paulo”. A autora, para desenvolver esse trabalho, constituiu e analisou quinze depoimentos, os quais

serviram como registros textuais de fontes orais; e a partir desses foram constituídos alguns “fragmentos”. Observamos, ao estudar esses fragmentos, que a autora apresenta diferentes processos de produção de significados para o CEM, isto é, diferentes identidades desse grupo.

Os trabalhos supracitados nos mostraram a importância da entrevista em uma investigação em História Oral, e dessa forma nos inspiraram e motivaram para a realização das entrevistas na presente investigação.

Ademais, podemos acrescentar que enxergamos a entrevista em História como um “documento-monumento”, conforme definido pelo historiador francês Jacques Le Goff, e retratado no início desta seção, que nas palavras de Alberti caracteriza o documento da seguinte forma:

“É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (...) um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos”(ALBERTI, apud PINSKY, 2005, pp. 183-184).

Nas entrevistas realizadas neste trabalho, optamos por utilizar uma metodologia, desenvolvida por Vianna (2000), que favorecesse a situação de deixar o depoente o mais à vontade possível e minimizasse o número de interferências do pesquisador. Dessa forma, não elaboramos nem utilizamos questionários pré-determinados. Segue-se uma breve explanação de como isso ocorreu.

Inicialmente elaboramos um resumo destacando os principais objetivos de nossa investigação; no final apresentava-se a questão norteadora. Nossa intenção era fazer com que o depoente se interessasse de nossa pesquisa e pudesse contribuir no sentido de clarear pontos que buscávamos esclarecer. Tal resumo encontra-se no Anexo 13 (Documento 1) deste trabalho.

Após a leitura do resumo por parte do depoente, esclarecíamos algumas dúvidas se houvesse algum questionamento. Caso contrário, prosseguíamos para o seu depoimento.

Nessa etapa, colocávamos sobre a mesa, defronte ao depoente, algumas fichas com palavras previamente escolhidas por nós. Essas palavras foram selecionadas e discutidas em

nossa orientação de modo que as mesmas norteassem nosso entrevistado em seu depoimento para depois identificarmos a contribuição deste no esclarecimento dos objetivos de nossa investigação. A relação das palavras escolhidas (Documento 3) bem como a Carta de Cessão de Diretos (Documento 2) que nosso colaborador assinava ao final da entrevista encontram-se no Anexo 13 deste.

Esse procedimento desenvolvido por Vianna¹⁷ também foi utilizado nos trabalhos de Seara¹⁸ (2005) e Fedalto¹⁹ (2006).

Nosso colaborador iniciava então sua fala, discursando acerca de temas que julgasse relevantes, com base no resumo prévio e nas palavras apresentadas por nós e por ele escolhidas.

Antes de finalizarmos, é conveniente esclarecer que estamos utilizando os termos *entrevistado*, *depoente* e *colaborador* como sinônimos. Entendemos que o depoente colabora conosco na pesquisa, que ele é entrevistado e presta um depoimento. O depoimento pode ficar registrado em forma de uma entrevista, com perguntas e respostas, dependendo da fluência das informações, daquilo que é acrescentado ou esclarecido. Mesmo que tenhamos claro que o momento da entrevista pode ser pensado como um “embate”, é preciso registrar que ainda assim se trata de um trabalho em colaboração, que a entrevista é concedida para uma pessoa (e não outra) em um dado momento; e que essa pessoa procura provocar a entrevista a partir de uma certa necessidade e intenção de pesquisa.

¹⁷ VIANNA, Carlos Roberto, tese de doutorado: “Vidas e circunstâncias na Educação Matemática”, USP, São Paulo, 2000.

¹⁸ SEARA, Helenice Fernandes, dissertação de mestrado: “NEDEM- Não é difícil ensinar matemática- História Oral Temática”, UFPR, Curitiba, 2005.

¹⁹ FEDALTO, Dirceu, dissertação de mestrado: “O imprevisto futuro das calculadoras nas aulas de matemática no ensino médio”, UFPR, Curitiba, 2006.

